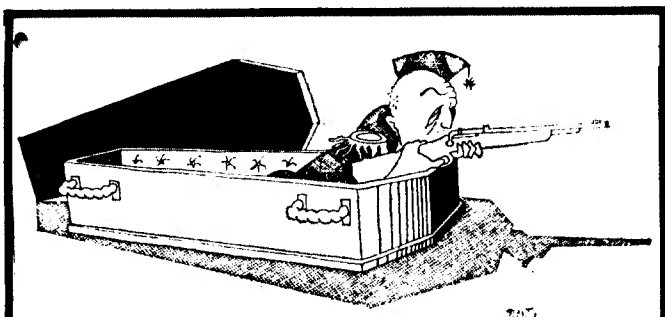




A repressão desencadeada actualmente pelo regime do general Franco vista pelo desenhador Plantu, no jornal «Le Monde»

AVIÃO OBRIGADO A ATERRAR EM CERNACHE

Um avião da Força Aérea Portuguesa intersectou esta manhã, perto de Viseu, uma avioneta de 3 lugares — Rallye 115, tentando obrigá-la a aterrar em Viseu. Como o piloto da avioneta não tivesse obedecido, o avião militar continuou a perseguição, obrigando-o a aterrar em Cernache do Bonjardim. Em contacto com o Aeródromo desta localidade soubemos que a avioneta pertence ao Aeroclube de Chaves e era pilotada por Mário Xavier Madureira, natural de Chaves e estudante em Coimbra, levando como passageiros António Aníbal Xavier Madureira e Paulo Ferreira de Ma-

galhães residente no Porto. Segundo a versão que nos foi dada os três ocupantes da avioneta afirmaram que se tinham deslocado de Chaves a Coimbra a fim de tratar de assuntos escolares. À hora a que fechámos esta edição ainda não tínhamos obtido qualquer informação oficial e o avião militar continuava a sobrevoar o Aeródromo de Cernache.

Sabe-se que depois das tentativas de entrada no espaço aéreo português de aviões particulares e dos incêndios provocados em florestas a Força Aérea tem vindo a exercer uma aturada vigilância em todo o País.

PORTO TRABALHADORES DOS S.M.A.S. NÃO PARALISAM

PORTO, 23 — Trabalhadores dos SMAS (Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento) desmentiram ontem, em reunião aqui efectuada, que tivessem intenção de entrar em greve. Entretanto uma delegação dos trabalhadores externos dos mesmos Serviços esteve no Governo Civil para esclarecer o dr. Cal Brandão de que notícias vindas a público sobre a iminência da paralisação não tinham qualquer fundamento.

A hipotética «greve da água» prende-se com os problemas surgidos em torno do Conselho Municipal, a que o chefe do distrito nega representatividade. Na reunião dos SMAS foi afirmado, a propósito, que os trabalhadores estão conscientes do que seria uma greve afectando o abastecimento de água à cidade e concelhos limítrofes.

«Temos tido problemas muito mais graves» — disse-se também — «e sempre evitámos tomar tal atitude».

Ao mesmo tempo foi verbeada a alegada representação dos SMAS no Conselho Municipal, que os trabalhadores con-

sideram não corresponder à verdade.

Sobre o mesmo assunto o Núcleo do PS nos serviços emitiu um comunicado classificando de «inconsciência atroz» a sugestão de que os SMAS entrariam em greve. O texto aborda igualmente a representação no Conselho Municipal para dizer que os «pseudo-representantes» se autoneomaram. São, todos eles, ex-membros da Comissão Pró-Sindical.

A FUR ATACA

Os acontecimentos da passada sexta-feira na Câmara do Porto são tema de um comunicado divulgado pelo Secretariado Provisório da FUR em que a personalidade do dr. Cal Brandão é atacada dentro de um contexto de distanciamento face ao VI Governo Provisório. Uma passagem:

«O Norte já começou a colher os frutos da «salvação». Corvacho saiu, veio Pires Velloso que, numa conferência de Imprensa, se pronunciou contra as Campanhas de Dinamização e a favor de uma disciplina à boa maneira antiga. A sua primeira acção foi «salvar» o Norte do Poder Popular, uma vez que o PS não gosta dele. Neste contexto, Cal Brandão «descobre» que o Conselho

VIDA POLÍTICA REGRESSA A S. BENTO

Em S. Bento, esta manhã, a calma acabou e o bulício dos grandes dias voltou. Depois da visita rápida que o almirante Pinheiro de Azevedo, acompanhado do seu ajudante, tenente Pires Neves fez às suas instalações, S. Bento prepara hoje a primeira reunião do Conselho de Ministros do VI Governo Provisório, marcada para as 17 horas. Ao fim da manhã somente se encontrava na residência oficial a secretária do novo Primeiro-Ministro.

No entanto, e de acordo com rumores que correm em meios muito ligados à Presidência do Conselho, admite-se como muito provável que o novo chefe de gabinete seja o comandante Montez, até há pouco director-geral da Informação, cargo de que se demitiu como o fim do V Governo Provisório. O comandante Montez apresentou-se há dias no Ministério da Marinha. Nos mesmos círculos fala-se igualmente do capitão-tenente Botelho Leal, chefe do gabinete do ministro Correia Jesuino, para o cargo de oficial de ligação da Presidência do Conselho aos órgãos de Comunicação Social.

A hipótese de Ramiro Correia ser o chefe de gabinete de Pinheiro de Azevedo, e de que nos fizemos eco na nossa

edição de sábado passado, ainda não está, contudo, totalmente afastada — dizem as mesmas fontes, que nos asseguram que as pessoas em causa foram pelo menos contactadas e terão aceite a nomeação.

Os novos ministros mostram-se muito activos. Desde a sua tomada de posse multiplicaram os contactos, organizando os seus gabinetes e tomando conhecimento dos problemas mais urgentes para resolver, tendo em muitos casos, reunido com os responsáveis dos diversos departamentos dos respectivos ministérios, como foi o caso de Almeida Santos, Sá Borges e Vítor Alves. Este último promoveu uma reunião com todos os directores gerais a fim de estudar as linhas de actuação do Minis-

Continua na pág. 6

AMANHÃ, ENTRE AS 10 E AS 11 250 MIL METALÚRGICOS EM GREVE DE AVISO

«Por toda a parte, os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica avançam para a greve. Em plenários de empresa, em assembleias de delegados sindicais, em reuniões de comissões de trabalhadores, uma só vontade, uma só decisão: avançar para a luta, avançar para a greve, dar a resposta de classe que o patronato merece» — afirma no seu último comunicado, a direcção da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos.

«Sabíamos que seria assim. E que nós não somos 'meninos bem' a falar em nome da classe operária: é que nós não somos oportunistas nem divisionistas a dar mil vivas à classe operária para melhor a traírem:

somos operários, conhecemos da fábrica e não dos livros, os interesses, a vontade e a força da classe a que pertencemos. Daí a certeza de que a greve será uma grande vitória e que nada nem ninguém vergará os metalúrgicos.»

A Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos em nome dos sindicatos de todo o País exorta os trabalhadores a desmascarar todas as manobras divisionistas do patronato e seus agentes, que querem roubar-nos nos salários, fazendo chantagem sobre o VI Governo. «Companheiros: amanhã, ninguém trabalha entre as 10 e as 11 horas» — conclui a Federação dos Sindicatos Metalúrgicos.



ROSA COUTINHO
NA SUÉCIA

'TEMOS DE ANDAR MAIS DEPRESSA'

Iniciaram-se em Estocolmo conversações entre funcionários do Governo sueco e a delegação do M.F.A. que efectua uma visita de três dias à Suécia, na sequência de um convite feito em Junho último pelo Governo sueco.

A delegação, chefiada pelo general Otelo Saraiva de Carvalho, que inclui o almirante Rosa Coutinho, o capitão Marques Junior e o comandante Duarte Lima, foi recebida por Gertrud Sigurdson, ministro interino dos Negócios Estrangeiros na ausência de Sven Anderson, que chefia a delegação sueca na assembleia geral da O.N.U.

Falando para representantes da Imprensa sueca, o almirante Rosa Coutinho declarou que as «experiências da Suécia» podiam «servir de base» às ideias do M.F.A. no que respeita ao estabelecimento do socialismo

Continua na pág. 18



NOVO ATENTADO CONTRA FORD

Estabeleceu-se a confusão e polícias correram para uma mulher que disparara um tiro contra o presidente Gerald Ford, à saída de um hotel de San Francisco. A mulher, identificada como Sarah Moore, de 40 anos, foi detida e acusada de querer matar o estadista. (Telefoto UPI/Telimprensa). (Ler noticiário na página 13)



GANHE 9,5% AO ANO

ENQUANTO O SEU DINHEIRO TRABALHA

PARA O NOVO PORTUGAL

Deposite o seu dinheiro na Banca nacionalizada.

E ganhe 9,5% ao ano.

Aproveitando as novas condições de juro para depósitos a 1 ano e 1 dia.

Com a segurança de garantia do Estado.

A certeza de contribuir para a construção do novo Portugal.



DEPOSITE NOS BANCOS

Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco do Algarve
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Crédito Predial Português
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Pinto Magalhães
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores

EDUCAÇÃO E ENSINO

A C.D.P. do Sindicato dos Professores coloca-se perante os problemas da classe

«É inadmissível que o Governo dispense um só dos trabalhadores do ensino em exercício» — diz o Sindicato dos Professores, zona da grande Lisboa, num comunicado emitido no último fim-de-semana, tomando posição perante alguns dos problemas mais prementes que no momento presente mais afectam a classe e respondendo ainda a uma série de críticas que sucessivamente vêm sendo feitas à sua C. D. P., Comissão Directiva Provisória, por inúmeros professores em numerosos pontos do País.

O Sindicato começa por apelar para os professores no sentido da mobilização e da organização para defesa dos interesses dos trabalhadores do ensino. Exige seguidamente a promulgação de algumas medidas tomadas pelo V Governo Provisório. Afirma depois a necessidade de que se dê (o VI Governo dê) resposta às restantes reivindicações ainda não satisfeitas. O apelo aos professores aponta para a necessidade de que os objectivos a conseguir pela classe se insiram no reforço das estruturas sindicais, na reorganização das comissões de delegados sindicais em todos os núcleos sindicais de base, na mobilização dos professores no quadro do Sindicato Único. E, a propósito, o texto denuncia «tentativas de aproveitamento demagógico e oportunista das

legítimas aspirações dos professores por forças reacçãoárias que, apesar de repetidamente derrotadas ao longo de 15 meses de luta dos professores pela construção e consolidação do seu Sindicato, não desistem das suas acções provocatórias e de sabotagem da acção sindical, confiantes, sem dúvida, em que a actual instabilidade política do nosso país lhes criem condições para a prossecução dos seus desígnios contra-revolucionários.»

E vem a propósito lembrar (o texto da C. D. P. lembra) exemplos concretos de acções assim classificáveis, «assumidas por grupos de professores agregados do ensino primário e através dum comunicado distribuído à Imprensa pelos Executivos do Algarve em nome dos professores provisórios e eventuais do C. P. E. S. e E. S. sem habilitações mínimas», de que o «DL», entre outros jornais, deu notícia.

Diz a C. D. P.: «Ao aproveitar-se a instabilidade ou incerteza quanto às perspectivas de colocação sentidas pelos professores agregados do ensino primário, tentando mobilizá-los em torno de falsos objectivos de luta como seja a recusa da inserção no 1.º escalão das colocações das mulheres dos militares em comissão de serviço nas ex-colónias — e que se sabe aliás serem em número diminuto —, não se está só a

tentar lançar professores contra professores, está-se a desacreditar consciente ou inconscientemente face ao País a luta dos professores agregados do ensino primário pela segurança de emprego e por melhores condições de trabalho. Está-se a proceder consciente ou inconscientemente a uma mistificação que pretende desviar os professores da mobilização em torno das suas justas reivindicações, está-se a semente a confusão na classe, a provocar divisionismos, a sabotar a acção sindical.»

Chama a C. D. P. a atenção para o excesso que constitui a denúncia feita pelos professores do Algarve de que haveria cerca de 20 mil professores em risco de desemprego. Efectivamente, no ano lectivo 74-75 — diz o C. D. P. — o número de professores do C. P. E. S. e E. S. em exercício era de 32 800: 7700 com habilitações pedagógicas, 15 100 com habilitação própria, 10 000 sem habilitação própria. Falar da perspectiva de 20 mil desempregados é — diz o texto — uma tentativa grosseira de manipulação da opinião pública. E a C. D. P. declina responsabilidades que lhe foram atribuídas na criação da situação respeitante às colocações. «A manobra não é nova nem sequer os processos utilizados» — diz a C. D. P., para, uma vez mais, enquadrar politicamente a questão: «Com a experiência adquirida durante 15 meses de lutas pela construção do Sindicato dos Professores contra todas as tentativas de desagregação, os professores farão frente aos novos manipuladores e sabotadores da actividade sindical, que poderão estar certos de que também desta vez a reacção não passará no Sindicato dos Professores. Também é esta uma frente de luta comum de todos os professores portugueses contra a ofensiva da reacção que intenta sabotar e impedir o avanço das conquistas revolucionárias do povo português.»

Os problemas que se levantam à classe — diz a C. D. P. — «os professores deverão reunir e debatê-los nos seus núcleos sindicais de base, de modo a haver uma participação massiva, activa e consciente nos plenários, para que as decisões deles saídas sejam claramente representativas da vontade da classe».

PLENÁRIOS

Promovidos pela C. D. P., Comissão Directiva Provisória, do Sindicato dos Professores, vão realizar-se nos próximos dias 27 do corrente e 4 de Outubro, dois plenários: o primeiro, de professores do C. P. E. S. e E. S.; o segundo, de professores do ensino primário.

Trata-se de discutir — diz a C. D. P. do Sindicato — as questões ligadas ao processo das colocações para o próximo ano lectivo.

O local onde os plenários vão realizar-se será oportunamente anunciado. Presume-se no entanto que as reuniões tenham lugar em Lisboa.

C.D.P.: AUDIÊNCIA NO M.E.I.C.

A Comissão Directiva Provisória do Sindicato dos Professores pediu para amanhã, quarta-feira, uma audiência ao major Vítor Alves, novo titular da pasta da Educação e Investigação Científica.

O objectivo desta audiência pedida pela C. D. P. do Sindicato

é obter do Ministério informações «objectivas e actualizadas» a fornecer à classe sobre o andamento que o M. E. I. C. está a dar à resolução dos problemas que a afectam.

CURSOS DE INGLÊS

Começam no próximo dia 8 de Outubro no Centro de Cultura Americana em Lisboa e no Porto os cursos de língua inglesa integrados no programa desta instituição para o ano lectivo 1975-76.

As inscrições estão abertas e podem fazer-se em Lisboa, na Avenida Duque de Loulé, ou no Porto, na Rua José Falcão.

BOLSAS DE ESTUDO PARA UNIVERSIDADES AMERICANAS

Destinadas a licenciados e alunos do último ano de cursos superiores, com a idade máxima de 35 anos, vão ser concedidas pela Comissão Cultural Luso-Americana (Programa Fulbright) bolsas de estudo para portugueses em Universidades dos Estados Unidos da América.

O prazo das inscrições encontra-se hoje aberto (prorrogadamente) até 5 de Outubro, e as inscrições podem fazer-se na Avenida Elias Garcia, 59, 5.º, em Lisboa, ou na Rua Júlio Dinis, 826, Porto, onde funcionam respectivamente os serviços centrais e a delegação no Norte daquela Comissão em Portugal.

CONGRESSOS DE CIRURGIA

Terminaram no sábado passado em Edimburgo o XXVI Congresso da Sociedade Internacional de Cirurgia e o XII Congresso Internacional de Cirurgia Cardiovascular, este último sob a presidência do especialista português prof. Cid dos Santos.

As sessões demoraram uma semana inteira. No dia do encerramento, o prof. Cid dos Santos ofereceu nos salões do «Royal College» um almoço em seu nome e em nome do Governo português aos delegados dos diversos países representados no congresso em que participou.

FESTIVAL DE AEROMODELISMO

Vai realizar-se nos próximos dias 26, 27 e 28 no Estádio Universitário um festival de aeromodelismo. Provas de pericia, acrobacia, corridas, escalas e combate.

O festival é promovido pela F. A. O. J., Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis.

TRABALHADORES-ESTUDANTES

A Associação dos Trabalhadores-Estudantes do Ensino Secundário de Coimbra começou a funcionar, instalada num edifício da Avenida Sá da Bandeira, desta cidade.

O objectivo fundamental que presidiu à criação da associação e vai nortear as suas actividades é a defesa dos interesses daqueles que simultaneamente trabalham e estudam.

Na convicção de que os trabalhadores-estudantes estão a ser explorados pelo patronato dos colégios, a associação propõe-se criar em Coimbra uma cooperativa de ensino que garanta trabalho a docentes de sete escolas particulares da cidade e assegure o ensino aos trabalhadores que precisam de obter os seus cursos.

PLENÁRIO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS, PAINÉIS E INDÚSTRIA DE MADEIRA CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector e abrangidos pelo contrato colectivo de trabalho vertical, para um plenário a realizar no dia 24, quarta-feira, pelas 21.00 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1—Informações
- 2—Discussão e decisão final sobre a tabela salarial
- 3—Medidas a tomar para exigir a imediata publicação do C. C. T., incluindo a tabela salarial que vier a ser aprovada.

TODOS EM MASSA AO PLENÁRIO

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Metalúrgicos
Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Telefonistas de Lisboa
Sindicato dos Contínuos
Sindicato dos Motoristas
Sindicato dos Cobreadores
Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Sindicato dos Engenheiros Técnicos
Sindicato dos Electricistas de Lisboa
Sindicato dos Empregados das Garagens

post scriptum

Do Chile a Portugal

Com este título publicou o «Diário de Lisboa» um artigo de Manuel Manta que merece todo o meu aplauso. Ou o povo por si só defende as conquistas democráticas já conseguidas ou, quando mal se aperceber, estará nas praças de touros do País a ser fuzilado.

Com o povo estarão com certeza os nossos bravos marinheiros que tantas demonstrações têm dado, desde o 5 de Outubro de 1910, à causa da liberdade, assim como os nossos bravos soldados que, felizmente, se vão já politizando e já não seguem cegamente qualquer oficial fascista — e ainda há tantos — bem falante (...)

Que pena terem-se oficiais das nossas Forças Armadas, que todos temos a certeza de serem antifascistas, deixado enlevar pela disbólica teia preparada por camaradas — e não só — que de antifascistas só têm o rótulo.

Artur Silva — Algués

As férias e os camaradas

Para que servem as férias que o camarada ministro do Trabalho obriga sejam gozadas pelos trabalhadores, neste meu caso, da construção civil? Parece-me que devem ser para retemperar a saúde dos que trabalham durante o ano.

Mas não. Eles recebem a importância do subsídio e no dia seguinte já têm um patrão para irem, nos dias das férias, desempenhar a sua profissão.

Acha o camarada Ministro do Trabalho e os dirigentes sindicais que isto esteja bem, havendo para aí tanto desempregado?

Quer dizer que isto é o Socialismo apregoado por eles?

Com os que estão de «baixa» sucede o mesmo (...)

Não poderão os sindicatos aplicar multas iguais ao dinheiro que eles recebem?

José Gonçalves Dionísio

Grão a grão se compra um tractor

(...) Uma grande carência que se nota no sector agrícola é a falta de maquinaria. É urgente obter máquinas em quantidade.

(...) Como arranjar verba para tal?

A minha sugestão é esta: todas as pessoas que trabalham deviam voluntariamente descontar mensalmente nos seus ordenados uma certa quantia, dez escudos, por exemplo, e todas as entidades patronais canalizariam as importâncias assim obtidas para uma conta na Caixa Geral de Depósitos, quer através desta quer através dos bancos. Deste modo obter-se-ia rapidamente a verba suficiente para apetrechar a lavoura.

Penso também — e desviando-me do problema da lavoura — que assim se poderiam também criar novos hospitais, dotar outros com dezenas e dezenas de aparelhos tão necessários para salvar vidas humanas — como rins artificiais, aparelhagem de cobalto, etc. — havendo somente que impulsionar esta ideia de modo consequente, para que a contribuição de todos para todos acabasse de vez com carências que tantos danos causam a todos, quer na lavoura, quer no campo da Saúde.

Luís Florêncio de Oliveira — Lisboa

A Revolução e a Moral

Será o livro na mão das massas, e como cultura, informação científica, geográfica e técnica, um perigo real para a Revolução?

E o cinema e o teatro verdadeiramente revolucionários, educativos, documentos reais de dificuldades vividas, em contraponto com o que se vê de aviltante e de mais baixo em cultura e formação de um povo, nas salas cinematográficas deste País e em alguns teatros, seria, repito, um verdadeiro teatro e cinema socializante, uma ameaça para a revolução que se quer socialista?

Mas há que impor não uma censura, mas um Código de Moral (logo Estética) de cunho vincadamente socialista e progressista (...)

J. C. Pires

Não pode ser verdade

E agora como vai ser? Calada a voz da 5.ª Divisão, desses bravos militares que ensinaram ao Povo o caminho da nossa Revolução!

Onde pára o capitão Paulino, esse rapaz tão humano, que na TV analisava os filmes da nossa miséria com a sua palavra esclarecida e esclarecedora, abrindo os olhos de modo a vermos que afinal não é obrigatório haver sempre ricos e pobres. (...)

Agora como vamos continuar a colaborar com o M. F. A. na construção do socialismo? Então já não é com o Povo que se constrói o socialismo? Então o Povo e o M. F. A. não devem andar de braço dado?

Nós sabemos que, se assim não for, voltamos às trevas do fascismo. Por favor, senhores, acordem que isso não queremos. Voltem a pôr a funcionar a 5.ª Divisão, porque vós bem sabeis que o Povo só esclarecido é que não será vencido. (...)

Se o M. F. A. não permite que os seus elementos nos ajudem a esclarecer nos difíceis caminhos da política, então é porque o M. F. A. já não está com o Povo.

E isso não pode ser verdade!

Uma leitora assustada (e identificada)

QUE BLOCO SOCIAL?

A expressão-conceito «bloco social» tem servido de muleta e encobrimento a algumas tomadas de posição perfeitamente reacconárias, anticomunistas e oportunistas.

Ainda há dias uma personalidade afirmou a este jornal que o que os separava do ex-Primeiro-Ministro era que este defendia... uma vanguarda enquanto ele(s), um bloco social de apoio à Revolução. Esta afirmação é inteiramente falsa (e ignorante, pois opõe vanguarda a base social de apoio). Basta recordar as afirmações do ex-Primeiro-Ministro no encerramento do congresso da Intersindical com os seus repetidos apelos à necessidade de conquistar o apoio da pequena burguesia e sectores das camadas médias. Então o que terá levado o entrevistado a tal resposta? Nada mais nada menos de que utilizar o conceito «bloco social» que surge com a teoria do «povo descontente» (habilmente propagandeado e fornecido pelos fascistas e sociais-democratas) para encobrir o seu anticomunismo. Na verdade, mais à frente a dita personalidade trai-se ao responder que a linha do ex-Primeiro-Ministro era próxima da do P.C., residindo aqui, nesta suposta linha e não no pretexto do bloco social a razão da divergência: o preconceito anticomunista, pequeno burguês e arrogante...

E de nada serve recordar a filiação. O povo português não diz: diz-me de quem és filho e dir-te-ei quem és, mas sim, diz-me com quem vives...

Mas passemos à frente... Recordamos que a base social de apoio num processo revolucionário não é um «bloco» maram os teorizados burgueses.

O bloco desagrega-se, modifica-se à medida que avança o processo revolucionário.

No plano social, a cada etapa da Revolução corresponde um sistema de alianças do proletariado com as outras classes e camadas da população.

«O sistema» mantém-se no fundamental inalterável numa dada etapa da Revolução.

Em cada etapa, em cada fase, por vezes em cada momento, uma ideia preside à política de alianças: definir a direcção do golpe principal e mobilizar e unir todas as forças que possam lançar-se nessa direcção.

«Os aliados do proletariado

para a Revolução socialista não são os mesmos que para a Revolução democrática e nacional.

«Quem não compreende que a cada etapa da Revolução corresponde um sistema de alianças diferente de outras etapas, nada compreende do marxismo-leninismo.

«A definição de quem são os aliados não significa, porém, só, por si, a sua efectivação na política das alianças. Aliados não são «reservas» no sentido em que se deu em cada época a esta palavra «reservas» que o proletariado (travando a luta política como se de uma operação militar se tratasse e dispondo de classes como de regimentos) para lançar na batalha por sua mera decisão, no momento, nas condições e pela forma que entender.»

Não nos podemos esquecer também que à medida que o processo avança maior é a resistência das classes dominantes. As antigas classes dominantes não abandonam voluntariamente o poder. Pelo contrário, defendem-se com unhas e dentes. Depois é preciso ter em conta que «durante muito tempo (...) os exploradores continuam a conservar de facto, inevitavelmente, tremendas vantagens: «conservam o dinheiro» (...), certos bens móveis, frequentemente valiosos; conservam as relações, os hábitos de organização e administração, o conhecimento de todos os «segredos» (costumes, procedimentos, maiores possibilidades da administração; (...) conservam uma experiência infinitamente superior no que respeita à arte militar (...) as suas relações internacionais são poderosas (...) Depois da primeira derrota, os exploradores derrubados, que não esperavam o seu derrube nem acreditavam nele, que nem sequer aceitavam a ideia de que pudesse acontecer, lançam-se com energia duplicada, com paixão furiosa e ódio centuplicado, na luta pela restituição do «paraíso» que lhes foi arrebatado (...).

Dai a necessidade de firmeza revolucionária. Uma política progressista e firme que leve por diante a Reforma Agrária, que complete, planifique e organize as nacionalizações dos sectores-chave, comércio externo e recursos naturais (minas, águas etc. que

ainda estão intocáveis), que satisfaça a exigência do preço e comercialização dos produtos agrícolas servirá de base à união de largas camadas do povo em torno da classe operária. E isto nada tem a ver com o conceito capitulacionista do ritmo da «Revolução», ou com uma política de direita ou com uma ordem reacconária.

As camadas médias não foram até agora, em grande maioria, afectadas na sua base material. O que foram, sim, é «agredidas», arrumadas com uma campanha esquerdista de revolucionarismo verbal que teve o seu auge na campanha eleitoral e numa das maiores campanhas de anticomunismo desencadeadas logo a seguir à queda do IV Governo, combinada com a intriga noticiosa e o relato tendencioso e divisionista... É verdade que também faltaram algumas medidas económicas de apoio ao camponato, mas isso não foi determinante mas sim complementar da campanha ideológica.

O papel dos meios de comunicação de massa da nossa época, na luta política aumentou em proporções que não têm precedentes nas Revoluções do passado. A luta ideológica adquire hoje uma relevância especial. Nas massas pesa ainda fortemente, pior ainda, predomina durante este tempo, a ideologia das antigas classes. Se a isso se juntar o predomínio reacconário dos meios de Comunicação que geram essa ideologia (Rádio, Imprensa, Televisão, cinema, escola) tudo isto se transforma numa poderosa arma nas tentativas de restauração burguesa. Para terem êxito, as forças populares devem ser capazes de bater o inimigo neste campo. No entanto, se olharmos para o nosso caso, se olharmos para certa Rádio, certos semanários, alguns diários do Porto, cinema, escola, etc., vemos que o panorama é desanimador...

Nacionalizada a Banca e os seguros, pensaram alguns ingenuos que a classe dominante tendo perdido as principais fontes de acumulação tinha ficado sem dinheiro. Esqueceram-se que a oligarquia é ainda a causa social detentora da

principal poupança e liquidez gerada ao longo dos anos.

Depois foi o aproveitar a oportunidade para pôr em marcha o plano contra-revolucionário elaborado à minúcia e cuja primeira etapa já a conhecemos. Senão perguntamos: porque razão os assaltos às sedes e os incêndios nas florestas só se verificaram com a saída do Governo do P.S. e do P.P.D.? Porque razão é que sendo conhecidos os agitadores, estes não são presos? Só nesta altura é que o povo ficou descontente? E sendo assim lhe passou o descontentamento (assaltos a sedes, manifestações, etc.) logo que Vasco Gonçalves se demitiu? Sabe-se hoje que grande número desses activistas são feirantes, negociantes de gado, construtores civis, ciganos, fabricantes de vinho a martelo, alguns camponeses caciques locais, o que sem apoio de massas pressupõe uma organização e um centro de comando para a onda reacconária que se desencadeou no País...

Enganam-se aqueles que pensam que a direita (as classes possidentes) se acalmaria com a travagem do processo... Que dando-lhe a mão não reivindicariam o braço... Mas a reacção não desiste enquanto não recuperar o antigo paraíso; o braço todo.

E a que estamos a assistir? Os reacconários vão tomando paulatinamente o poder militar e político, saneando e subalternizando os revolucionários, tudo conjugado com um plano de aprofundamento da dependência económica do mundo capitalista para, quando chegar a altura, dar o golpe de misericórdia. O nó aperta-se à volta da jovem democracia portuguesa. O golpe da direita espreita...

Aqueles que ingenuamente ou conscientemente tentaram com ou sem documento, sem uma análise objectiva da situação real, das classes em Portugal, aqui e agora, se convenceram que poderiam apaziguar as antigas classes dominantes ficarem com a responsabilidade histórica perante o povo português e o Mundo de terem aberto as portas ao fascismo... E, curiosamente, muitos deles também não serão poupados...

ISRAEL: MAIS ARMAS QUE SOLDADOS

Por: VLADIMIR SIMONOV Exclusivo «Novosti»-«D.L.»

mil e uma maneiras de não pagar os impostos. Os industriais tirram milhares de libras dos seus lucros e apresentam essa falta de dinheiro, como tendo ele ido para misteriosas «publicações profissionais». Os professores são obrigados a receber um suplemento, sobre o qual têm que pagar imposto, para os transportes automóveis de serviço, embora residam nas cidades universitárias, nos seus próprios locais de trabalho.

Mastudo isto não passa de fracção de dilettantismo comparado com os escândalos financeiros de que se fala no estudo recentemente publicado pelo economista independente Baruh Nadel. Aliás esse livro tornou-se imediatamente um «best-seller» em Israel: toda a gente quer saber o que é preciso fazer para «bem roubar». Nadel mostra, por exemplo, que as empresas de construção enganam

os organismos oficiais do fisco em pelo menos 400 milhões de dólares por ano.

ORÇAMENTO DE UNIFORME

Esse estado de corrupção (ela aconteceu mesmo nos Gabinetes dos Ministros e nos Estados-Maiores Gerais) não é senão um sintoma da grave doença de que sofre a economia israelita. O diagnóstico é sempre o mesmo: canhões em lugar de manteiga. O orçamento nacional lembra um enorme peixe cabeçudo com os seus gastos gigantescos com fins militares e os baixos créditos concedidos para os programas socio-económicos.

No seu «equilíbrio militar para 1975-76», os especialistas do Instituto de Estudos Estratégicos (I.E.S.), de Londres, concederam a Israel o primeiro lu-

gar no Mundo em importância gasta com fins militares, por habitante. Depois da semiderrota de Israel na última guerra do Médio Oriente, poucos são os que acreditam que esse desperdício astronómico é ditado pelos interesses da segurança nacional. De qualquer modo, os 54 000 desempregados israelitas não são tão inocentes que acreditem nisso. «A segurança?» perguntou um deles ao correspondente do jornal francês «Liberation». «Duvido que ela esteja na mão enquanto estivermos em territórios ocupados...»

Embora os cálculos do I.E.S. tenham sido publicados nos primeiros dias de Setembro, perderam imediatamente a actualidade quando foi assinado o segundo acordo israelo-egípcio de retirada das tropas no Sinai. Esse documento dá

Continua na pag. 18

Nacional

NADA DE NOVO QUANTO À R.R.

O novo ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, desmentiu ontem, em declarações prestadas à RTP, a existência de qualquer despacho da sua autoria no sentido da entrega imediata da Rádio Renascença ao Patriarcado. O ministro acrescentou, por outro lado, que, dada a importância do problema, ele «deverá ser tratado a nível do Conselho da Revolução ou a nível do Governo».

As declarações de Almeida Santos foram suscitadas pela informação, chegada ao fim da manhã de ontem aos estúdios daquela estação emissora, segundo a qual o titular da Comunicação Social decidira entregar a «R.R.» à Igreja. A notícia divulgada de imediato num comunicado dos trabalhadores da R.R., transmitido repetidamente aos microfones, viria a desencadear uma intensa onda de apoio popular à luta dos trabalhadores, através da deslocação em grupos à Rua Capelo ou mediante telefonemas.

No seu comunicado os nossos camaradas da R.R. salientam que «vender a R.R. dos trabalhadores aos bispos e à sociedade fantasma Imobiliária Progresso está na linha de um Governo que a burguesia nacional e estrangeira aplaude vibrantemente». Chamam ainda a atenção para o facto de o

problema dizer «apenas respeito aos trabalhadores ocupantes» e que vender a R.R. é «vender as conquistas dos trabalhadores portugueses». O comunicado conclui frisando que as «organizações populares responderão ao desafio. O IV Governo já obteve uma resposta. A resposta ao VI será mais vigorosa, estamos certos».

«REPÚBLICA»

Entretanto, também a luta da «República» continua a suscitar um amplo movimento de solidariedade a nível nacional e estrangeiro. Assim enquanto continuam a chegar à redacção do jornal inúmeras moções de apoio e mesmo quantias em dinheiro, está previsto para depois de amanhã, em França, o lançamento de uma edição especial (em língua francesa) de oito páginas ao preço de apoio, de 2 francos. Do sumário desta edição destacam-se os seguintes temas: «A crise do Poder Político em Portugal», «O VI Governo», «Os problemas das Forças Armadas», «O Poder Popular ganha a ofensiva», «A República vive», «Os operários estão em luta», «Os camponeses avançam como em Cujancas», «Angola-Cabinda — o mesmo país».

SESSÃO DA CÂMARA DE LISBOA

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa reúne-se na quinta-feira, às 21 e 30, com a seguinte ordem de trabalhos: ratificação de despachos para abertura das empreitadas de construção de casas de carácter social para a C. M. L., na Musgueira Nordeste (80 fogos) e na Quinta do Chale, em Chelas (160 fogos), na base, respectiva-

mente, de 18 072 800\$00 e 36 253 200\$00; ratificação de despachos proferidos ao abrigo do disposto no art.º 78.º do Código Administrativo relativos à aprovação do 3.º orçamento suplementar, e adjudicação de diversas empreitadas; permuta de diversas parcelas de terreno; e alteração do art.º 37.º do Regulamento de Obras na Via Pública.

METALÚRGICOS, LISTA "A"

TODOS UNIDOS SOMOS UMA FORÇA IMPARÁVEL

Todos unidos, somos uma força imparável», afirmaram elementos da lista de Unidade Revolucionária, contra o capital pelo Socialismo», candidata às eleições do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa, em conferência de imprensa ontem realizada na Mague, em Alverca, para apresentação do seu programa. Cerca de duas centenas de trabalhadores desta empresa assistiram à reunião, informando-se, deste modo, dos objectivos dos candidatos.

A lista de unidade revolucionária nasceu de múltiplas reuniões e de amplas discussões entre operários activistas sindicais, e baseou-se no critério da «representatividade, combatividade, participação, honestidade, consciência de classe, espírito unitário». De 26 dos seus elementos, candidatos à assembleia geral, direcção e conselho fiscal, 20 são delegados sindicais. No conjunto, encontram-se representadas todas as zonas de grande concentração operária do distrito, e as suas empresas mais significativas.

O programa de acção e luta sindical da lista A «assenta na necessidade de, em conjunto, todos os trabalhadores metalúrgicos encontrarem as respostas urgentes aos amplos anseios de todos os camaradas. Recusamos a mentira, a demagogia, o eleitoralismo, e a conquista de fáceis simpatias. Somos operários, trabalhadores, conscientes de que a classe operária, em aliança

com os restantes trabalhadores e com todas as forças revolucionárias civis e militares construirá a sociedade socialista».

Segundo nos afirmou um dos candidatos, João Carlos Cruzeiro, a lista não teve atrás de si «aquelas máquinas propagandísticas de que alguns agrupamentos candidatos aos sindicatos dispõem. Trata-se de um «programa de que a classe necessitava, e que não promete nada que não se possa fazer: é um programa de trabalho e luta».

Nele se defende uma linha sindical de massas, entendendo-se que «o Sindicato começa nos locais de trabalho e só a ampla participação dos trabalhadores permitirá uma dinâmica sindical correspondente ao papel histórico que realmente a classe operária desempenha na revolução». Considera-se indispensável «a participação das massas trabalhadoras nas empresas, na resolução dos seus próprios problemas, intensificando todas as acções práticas que levem ao estreitamento da unidade dos trabalhadores, ao fortalecimento da acção sindical e à sua organização pelo avanço e defesa da recolução».

O programa defende a participação das comissões sindicais e de trabalhadores na concretização dos órgãos de Poder Popular, em íntima ligação com todas as estruturas populares unitárias, forma de assegurar que a Revolução «seja um facto irreversível».

Atribui-se ao sindicato a tarefa de desenvolver «uma intensa acção educativa e formativa com vista à formação de quadros dirigentes, para que a classe operária, através dos seus representantes autênticos, assumam a direcção das

empresas, o controlo da economia e do aparelho de Estado». O ensino deve ser colocado ao serviço das classes trabalhadoras, permitindo a elevação do seu nível cultural e o acesso



a todos os graus de ensino aos trabalhadores e seus filhos.

A lista A propugna o controlo operário da produção, devendo o Sindicato «dinamizar e apoiar todas as iniciativas que levem ao controlo da gestão da economia pelos trabalhadores, proporcionando inclusive os meios que lhes possibilitem gerir de forma colectiva e organizada os seus próprios destinos. Consoante foi afirmado, «nas empresas privadas, temos de saber o que estamos a produzir e como estamos a produzir e, nas nacionalizadas, temos de as colocar ao serviço da comunidade».

Integrando-se no objectivo de luta pela sociedade socialista, contra o capital, prevê-se um conjunto de tarefas imediatas, designadamente a luta contra os despedimentos, e, em particular, contra o lock out, previsto na lei, «pois o pa-

tronato já tem armas de mais, e essa é uma arma terrível».

Pretende-se, também, melhorar a contratação colectiva, que «numa sociedade capitalista, é um aspecto muito importante que as organizações sindicais terão de ter em conta». Do mesmo modo, defende-se a criação de condições de trabalho e higiene onde elas não existam, nomeadamente nas pequenas e médias empresas, pois há «oficinas onde os operários nem sequer têm água potável para beber».

No domínio das regalias sociais, a lista de unidade defende a melhoria da rede de transportes, a dinamização do turismo social, e a ocupação de tempos livres, a desenvolver em conjunto com outras organizações. Quanto à Previdência, saúde e assistência, que «é paga pelos trabalhadores, deve ser gerida por eles», devendo superar-se as dificuldades existentes.

O programa de acção consagra um ponto à Informação, que deve servir a classe. Segundo João Cruzeiro, «logo depois do 25 de Abril, as forças reaccionárias existentes nos órgãos de Informação não tiveram coragem para aparecer à luz do dia», começando agora a fazê-lo, num momento em que a situação lhes é «favorável». «Hoje temos muito mais órgãos reaccionários do que tínhamos dois ou três meses após o 25 de Abril. Nós, classe operária, como vanguarda, temos um papel importante a desempenhar neste sector».

A lista A defende ainda a formação de comissões legislativas, para que as leis «deixem de ser feitas nas costas dos trabalhadores e aplicadas contra os seus interesses», e propugna a revogação da lei da greve e do lock out.

Nos termos do programa, «o Sindicato deverá apoiar activamente todas as iniciativas dos trabalhadores, e mobilizá-los para participarem com todas as organizações revolucionárias na luta contra o fascismo e a reacção; desenvolver e cultivar o amor à Pátria e à Revolução Socialista cuja defesa intransigente só pode ser obra dos trabalhadores».

APOIO À GREVE

Desde o início da campanha eleitoral, há cerca de uma semana, a lista de unidade têm apoiado firmemente a greve nacional de metalúrgicos decretada para amanhã, que considera «justa e revolucionária, face à declaração de guerra feita pelo patronato, ao afirmar publicamente que não aceita os novos salários e restantes condições impostas pela portaria assinada em 30 de Agosto».

Os candidatos exigem, com a classe, a aplicação imediata dessa portaria, pois «está em jogo o pão de mais de 200 mil trabalhadores e suas famílias, a quem o patronato, explorador e fascista até à última, encorajado pela viragem à direita da situação político-militar do nosso país, pretende negar os aumentos salariais e outras regalias».

A lista apela aos trabalhadores metalúrgicos e metalomecânicos, para que respondam «com firmeza, mostrando a sua força e afirmando a sua disposição de não ceder àqueles que sempre nos têm explorado e oprimido».

«Esta luta é de todos. Vamos vencê-la juntos. Só o patronato e seus lacaios estão contra esta greve. Não nos demos dividir. Vamos, unidos, ao combate contra os nossos inimigos de classe», afirma-se, ainda, em comunicado à classe lido no decorrer da conferência de imprensa.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

ALERTA TRABALHADORES DA METALURGIA E METALOMECÂNICOS DE TODO O PAÍS!

OS PATRÕES QUEREM-NOS ROUBAR!

Os patrões não querem pagar os salários da Portaria já assinados pelo Ministério do Trabalho do V Governo.

Os patrões estão a fazer chantagem sobre o VI Governo para que anule a Portaria.

SO A NOSSA RESPOSTA PRONTA E FIRME PODE EVITAR QUE OS PATRÕES CONSIGAM OS SEUS VIS INTENTOS E QUE O CONSELHO DA REVOLUÇÃO E O GOVERNO, ONDE TEM GRANDES APOIOS, CEDA A CHANTAGEM DO PATRONATO REACCIÓNARIO.

CAMARADAS: É NECESSÁRIO ADERIR

EM MASSA À **GREVE!**

4.ª FEIRA, DIA 24, NINGUEM TRABALHA DAS 10 ÀS 11 HORAS!

Que ninguém arrede pé dos locais de trabalho! Aproveitemos a hora de paralisação para discutir os problemas que mais nos afectam e para encontrar a resposta da classe operária e do povo trabalhador às manobras da burguesia exploradora e de toda a reacção fascista!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA ELEITORAL CONVOCATÓRIA

ELEIÇÕES DIA 28 DE SETEMBRO

Conforme oportunamente foi anunciado, as Eleições para Corpos Gerentes do Sindicato realizar-se-ão no próximo domingo, dia 28 de Setembro de 1975, funcionando, entre as 09.00 horas e as 14.00 hs., 4 mesas de voto nas seguintes localidades:

— EM LISBOA, na sede do Sindicato; Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 25, c/v, dt. — LISBOA

— NA PAREDE, na fábrica da União de Padarias de Carcavelos e Parede; Estrada da Rana — Rebelva — CARCAVELOS.

— EM TORRES VEDRAS, na sede da Banda Recreativa Torreense; Rua Paiva de Andrade, n.º 32 — TORRES VEDRAS.

— EM VILA FRANCA DE XIRA, na Delegação do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa;

Rua Serpe Pinto, n.º 136, 2.º — VILA FRANCA DE XIRA

CAMARADA FAZ DA VOTAÇÃO UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO DE UNIDADE!

NÃO DEIXES DE VOTAR!

A Mesa da Assembleia Eleitoral

Raul Ribeiro de Pinho

Nacional

TRABALHADORES DO "J.C." ATENTOS AO "TEMPO"

A Comissão de Trabalhadores do «Jornal do Comércio», em relação às decisões de comissões de trabalhadores e moradores sobre o semanário «O Tempo», especialmente no que respeita à entrevista E.L.P., emitiu um comunicado no qual afirma que «a entrada de «O Tempo» para a empresa não mereceu o parecer dos órgãos de vontade dos trabalhadores, ao contrário do que se tem processado em relação a outras publicações».

Manifesta a sua disposição em estreitar a sua vigilância face àquele semanário, estando já a decorrer um inquérito ao seu conteúdo, e que o mesmo será do domínio público.

A C.T. do «Jornal do Comércio» conclui o seu comunicado: «Todas as publicações aqui executadas, ainda que não da nossa inteira responsabilidade, terão de respeitar o elementar princípio de não atrair as justas lutas dos

operários, camponeses, e de todos os explorados e oprimidos. e afirma, por último que sempre que os trabalhadores do «Jornal do Comércio», vanguarda, que se considera, de uma Informação ao serviço das classes oprimidas e exploradas, está permanentemente atenta a possíveis desvios e imediata intervenção, podendo vir a pedir o auxílio dos órgãos de vontade popular para uma posição mais forte, a exemplo do que já aconteceu durante

a sua luta.

Em relação à entrevista com o ex-capitão Alpoim Calvão, publicada em «O Jornal» considera-a «a forma mais eficaz de amedrontar os elementos mais recuados da classe operária e do povo e no que possa ser justificado como aviso se considera desnecessário e contra-revolucionário. Na mesma linha está a entrevista com o E.L.P. e, como tal, os trabalhadores se opõem à sua publicação».

SÁ CARNEIRO:

ENCONTRO COM A IMPRENSA "ESTRITAMENTE PESSOAL"

«A título estritamente pessoal», Francisco Sá Carneiro vai ter amanhã às 10 e 30 no Hotel Roma, na Rua Infante D. Pedro, à Avenida de Roma, em Lisboa, um encontro com representantes dos órgãos de Comunicação Social. Trata-se duma conferência de Impren-

sa, como diz um convite endereçado por aquele dirigente aos meios de Comunicação Social. O convite é subscrito por Dinah Alhandra, ao que se presume secretária de Sá Carneiro, e diz que este político «abordará alguns problemas

do momento político português».

Pode, a partir de amanhã, ganhar maior relevo a hipótese de Francisco Sá Carneiro voltar ao lugar de secretário-geral do PPD, cargo que abandonou por motivo de doença e onde

foi substituído, lembra-se, interinamente, por Emídio Guerreiro. A hipótese corre com alguma insistência nos meios políticos, muito embora o PPD ainda não tenha tomado qualquer posição oficial a confirmar ou a desmentir.

ASSEMBLEIA DA NATO

PORTUGAL PRETENDE CONTINUAR NA NATO, AFIRMA O GENERAL HAIG

Começou ontem em Copenhaga a 21.ª sessão anual da Assembleia do Tratado do Atlântico Norte, que reuniu 170 delegados de quinze países.

Pela primeira vez desde o golpe de 25 de Abril, Portugal está oficialmente representado. A delegação portuguesa é composta por António Duarte Arnaut e Antero de Magalhães, deputado do P. S., Artur Cunha Leal e José Correia Ferreira,

do P. P. D. e, do C. D. S., António de Castro Norton de Matos.

A Assembleia da N. A. T. O. debruçar-se-á, durante esta reunião, sobre questões respeitantes à actual situação em Portugal, à saída da Grécia da cooperação militar e ao conflito entre a Grécia e a Turquia por causa de Chipre.

A Assembleia Atlântica é um organismo interparlamentar,

sem estatuto oficial no âmbito da N. A. T. O., nem mesmo consultivo, vendo-se a si mesma como o único lugar onde os parlamentares da América do Norte e da Europa se podem encontrar para debater problemas da Aliança Atlântica.

O senador americano Edward Kennedy, em discurso escrito para a reunião afirmou que o Ocidente está agora a

aproximar-se da ocasião em que um «importante compromisso» de auxílio económico será de grande utilidade para a democracia portuguesa. Debruçando-se sobre o caso espanhol, Kennedy afirmou: «Não é a altura de trazer a Espanha para a N. A. T. O., nem é altura de ignorar as forças democráticas».

«O que está em jogo na Península Ibérica é a natureza do nosso compromisso com ideais básicos» — disse ainda o senador norte-americano.

Por seu turno Alexandre Haig, comandante-chefe das forças da N. A. T. O. na Europa, declarou ontem numa conferência de Imprensa em Copenhaga, que recebera a garantia de que Portugal pretendia continuar a pertencer à Aliança Atlântica.

Depois de referir o seu agrado pelo facto de Portugal ter enviado uma delegação parlamentar à Assembleia anual da N. A. T. O., o general Haig afirmou: «Portugal é tão importante para a N. A. T. O. como a N. A. T. O. é importante para Portugal».

No entanto não ficou claro se Haig admite que Portugal possa voltar às reuniões do grupo de planificação nuclear da aliança, donde foi afastado no ano passado sob a alegação de que tinha comunistas no Governo. (ANI/AP/FP/DL).



Ora
diga-nos

CONCORDA COM A LUTA DOS DEFICIENTES DAS F.A.?

Muitos dos que ontem se dirigiam para os empregos chegaram atrasados devido às paragens desusadas dos comboios da Linha do Estoril. Os minutos de espera tinham por fim informar a população sobre os objectivos da luta dos deficientes das F.A. Na tarde de sábado, os manifestantes vítimas da guerra colonial dirigiram-se para o Palácio de Belém a fim de verem aplicado o projecto de lei que consideram decisivo para pôr termo à esmola e promessas, dando lugar à dignidade e ao direito ao trabalho.

«Efectivamente, os deficientes das F.A. estão a travar uma luta que é justa. A situação em que se encontram já devia ter sido analisada há mais tempo, mas talvez as condições políticas só agora permitam pôr a questão desta forma. O Primeiro-Ministro prometeu uma solução para o problema. Eles, como qualquer cidadão português consciente, têm receio de uma viragem à direita e procuram levar a luta até ao fim».

Depois de ouvirmos a opinião de Mário Pereira, locutor do Rádio Clube registámos as palavras do repórter fotográfico Fernando Baião:

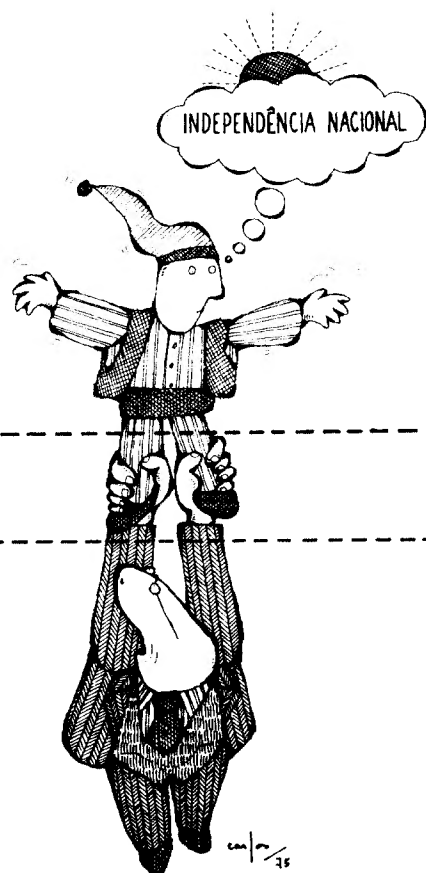
«A luta deles é justa, mas não concordo com a situação que estão a criar nem vejo como deste modo se possa encontrar uma solução para o caso. Isto está confuso... Atravessamos uma grave crise e o próprio Estado tem muitos problemas económicos para resolver».

Os manifestantes durante as paragens dos comboios, eram inicialmente vaiados pelos passageiros que viam a sua viagem interrompida. No final da intervenção muitos pareciam mais serenos e a maioria mostrava-se apreensiva, enquanto, talvez pela primeira vez, tentava vislumbrar uma solução para mais este problema. Na Praça do Império, os mu-



tilados continuam a esperar, alimentados pela P.M. e por muitos populares solidários.

«Até à madrugada de sábado», afirma o jornalista António Nicolau, «e enquanto as acções foram comandadas pela Associação das Forças Armadas estive totalmente de acordo com este processo de luta. Agora, já não estou. A própria Associação não apoia as manifestações levadas a cabo pela comissão 'ad hoc' que funciona no local. As pessoas começaram a exaltar-se demais. Estou em desacordo com as paragens dos transportes».



...cortar segundo as suas opções políticas

OS ATENTADOS BOMBISTAS DO FIM-DE-SEMANA

Conforme ontem noticiámos numa das nossas edições, e de acordo com a agência noticiosa americana United Press (UPI), os escritórios das agências noticiosas estrangeiras em Lisboa receberam ontem telefonemas anónimos reivindicando para o E.L.P. os atentados bombistas verificados este fim-de-semana em Leiria, na zona da Batalha e em Lisboa. No decorrer das chamadas, que foram de curta duração, certamente para evitar que a sua origem fosse detectada, não foram dados pormenores, não se sabendo, por isso, se esta organização clandestina fascista também se

responsabiliza pelas duas garrafas contendo gasolina e petróleo que foram arremessadas, na noite de sábado para domingo, contra um prédio do Porto em que funciona, actualmente, uma escola primária destinada a filhos de emigrantes pobres.

O informador anónimo, depois de reivindicar para o E.L.P. o petardo colocado ou atirado contra o edifício de Cascais em que pernoitava o Primeiro-Ministro almirante Pinheiro de Azevedo, afirmou: «Agora estamos em condições de liquidar qualquer figura importante do Governo militar

fascista» e classificou o atentado de «um aviso para o Governo militar».

Como noticiámos ontem, deflagraram sete petardos no decorrer do último fim-de-semana. Na sua maioria, estes petardos deflagraram junto das residências de personalidades activas da esquerda — um deles foi arremessado contra o Centro de Trabalho do P.C.P. da Marinha Grande — embora continue por explicar os petardos que deflagraram em Leiria, um debaixo do automóvel de um artista de circo e outro junto a uma sapataria encerrada para férias.

Nacional

Maia e Lagos

SOLDADOS

QUEREM LIBERDADE

PARA SOLDADOS PRESOS

LISBOA, 23 — (A.N.I.) — «Libertação imediata dos camaradas Pinto e Figueiredo» e «reacção fora dos quartéis» gritaram ontem em Maia os soldados da Escola Prática de Infantaria concentrados na parada do quartel.

Em sinal de protesto contra a prisão dos dois camaradas presos no sábado por terem consigo manifestos da organização autónoma de soldados, S.U.V. (Soldados Unidos Vencerão) os soldados desta unidade militar, depois de se terem recusado a formar, dirigiram-se para a prisão do quartel a fim de libertar os camaradas presos, desconhecendo que estes já haviam sido transferidos para outra prisão militar. Ali, a situação complicou-se, quando o oficial de dia agrediu alguns soldados, que reagiram, o que provocou a chegada do comandante e de um grupo de oficiais que tentaram dispersar os soldados a murro.

Já ao fim da tarde e, sob proposta do comandante, os soldados aceitaram reunião com o oficial superior, que se iniciou com os soldados a gritarem «fascista».

A situação no Quartel de Maia continua, porém, tensa, estando entretanto, marcada para quinta-feira, em Lisboa, uma manifestação desta organização de soldados (S.U.V.) que, à semelhança do que já

aconteceu no Porto, conta com o apoio de largas dezenas de Comissões de Trabalhadores, de Moradores e de outros organismos de Poder Popular.

O comandante da Unidade, contactado telefonicamente pela A.N.I., afirmou que nada tinha a dizer «sobre os problemas que tenha havido ou venha a haver»; remetendo para o chefe de Estado Maior do Exército («a quem já expus a situação»), entidade responsável por tudo o que se passa no Exército e a quem «comete dar explicações».

TRAFARIA E LAGOS

Apurámos, entretanto, que os dois militares da E.P.I. (o furriel miliciano Luis Alberto Pais de Figueiredo e o primeiro-cabo Alfredo Manuel Caires de Sousa Pinto) se encontram detidos na Casa de Reclusão da Trafaria.

Por sua vez, efectua-se hoje em Lagos uma manifestação a favor da libertação «imediata» dos soldados presos no quartel daquela cidade, os quais se pronunciaram sobre os acontecimentos ocorridos no Porto, onde, segundo afirmaram (e está provado) «o governador civil e a Polícia de Segurança Pública se opuseram de forma fascista contra órgãos de poder popular».

CRIADA UMA ASSOCIAÇÃO DE RETORNADOS DE ANGOLA

Um grupo de retornados de Angola acaba de fundar a Associação dos Portugueses Refugiados Ultramarinos, anunciada numa conferência de imprensa que teve lugar na sede, às Portas de Santo Antão.

Um porta-voz começou por «pedir ajuda à Imprensa» e explicou o nascimento da nova Associação: «Esta associação nasceu da tomada do Banco de Angola. Nós não acreditamos no Governo. Milhares de pessoas têm morrido por uma descolonização mal conduzida. Nós fizemos reivindicações justas quando tomámos o banco. Mas depois o Presidente Costa Gomes disse que ou nós abandonávamos as instalações do banco ou cortava a ponte aérea de Luanda a Lisboa. Como nos interessa sobretudo o regresso dos nossos irmãos, abandonámos o banco».

O mesmo membro da direcção da Associação agora criada, haveria de declarar: «Nós não confiamos no Governo que nos vendeu». Por isso, um grupo de retornados começou por reunir-se no Palácio do Duque de Palmela e decidiu fundar a Associação.

«Queremos reclamar pelos nossos direitos. Nós temos dinheiro depositado e bens em Angola e vamos lutar com todas as armas que nos sejam possíveis. Queremos contactar com o Tribunal de Haia e com a própria O. N. U. Vivemos como vivemos, mais vale morrer». Entre as iniciativas que se propõe, a Associação visa criar um posto médico. «Vamos com calma, mas se for preciso ir para além da calma, iremos».

Posta, por um repórter da Emissora Nacional, a questão da violência — que levou o nosso colega a afirmar que na E. N. os repórteres tinham recado ir fazer a cobertura da conferência de imprensa — o porta-voz da Associação justificou essa violência, «pelo traumatismo das pessoas retornadas». E apontou o exemplo de um membro da direcção da Associação cujos bens foram queimados e cuja mulher se suicidou.

Os retornados esperam soluções por parte do actual Governo Provisório, com quem vão contactar. Aguardam, nomeadamente que a anunciada Secretaria de Estado dos Retornados, possa vir a resolver os problemas prementes.

POLÍCIA JUDICIÁRIA MILITAR

Foi criado o Serviço de Polícia Judiciária Militar para funcionar em directa dependência do Conselho da Revolução. A decisão consta de um decreto agora em lume na folha oficial, visto e aprovado já em 1 do corrente pelo C.R. e pelo Presidente da República.

«O trabalho desempenhado pela Polícia Judiciária Militar tem-se revelado desde há muito ineficiente e moroso» — diz o diploma nas suas considerações iniciais: «A sua falta de eficiência deve-se principalmente à pouca preparação do pessoal encarregado de instruir o corpo de delito e a sua morosidade pode atribuir-se ao mesmo factor e à circunstância de a investigação ter de ser concluída na fase da instrução do sumário da culpa, nos tribunais militares muitas vezes já em precárias condições para se obterem todos os elementos da prova».

A criação do S.P.J.M., responde assim à necessidade de «criar com urgência um serviço que se dedique exclusivamente à investigação criminal militar, dispondo de pessoal habilitado e actuando na instrução dos processos com rapidez e eficiência».

Finalidade (resumida) do S.P.J.M.: «Efectuar a investigação dos crimes e a descoberta dos seus agentes que estejam sujeitos ao foro militar, procedendo à instrução dos respectivos processos».

VIDA POLÍTICA

Continuação da pág. 1

tério da Educação. Por outro lado, Lopes Cardoso, ministro da Agricultura, reuniu-se ontem ao fim da tarde com dirigentes dos sindicatos agrícolas do Alentejo, enquanto Pinheiro Farinha, titular da Justiça, recebeu o presidente da Relação de Lisboa. O comandante Almeida e Costa, ministro da Administração Interna, avistou-se com o Presidente da República e com o Primeiro-Ministro.

Quanto à nomeação de secretários de Estado, embora nada tenha sido divulgado oficialmente continua a falar-se dos mesmos nomes de que já demos conhecimento ontem. De acordo com um telegrama da ANI, referindo uma fonte bem informada, nas conversações havidas entre o Primeiro-Ministro e o Partido Comunista teria ficado assente que a este Partido seriam atribuídas as Secretarias de Estado da Indústria, Reestruturação Agrária, Trabalho, Marinha Mercante e Cultura e Investigação Científica, podendo esta última ser posta em alternativa a uma outra a considerar.

Quanto ao dia político de hoje apenas há a registar que o Presidente da República recebeu, ao meio dia, o embaixador Kalinine, da União Soviética. Da agenda de Costa Gomes constava ainda um encontro

com o comandante Silvano Ribeiro e com o presidente da comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

SÁ CARNEIRO REGRESSA

Sá Carneiro, fundador do P.P.D. e seu 1.º secretário-geral, falará amanhã no Pavilhão dos Desportos, durante um comício do seu partido. Observadores dão como certo o seu regresso à chefia do P.P.D., donde tinha saído por motivos de saúde. Aliás, nada de surpreendente existirá neste regresso, uma vez que Sá Carneiro parece ter recuperado fisicamente e estar já em condições de liderar novamente os «populares democráticos». Bastará, para tanto, que declare que o seu impedimento por motivos de saúde terminou, esperando-se que o faça já no próximo domingo durante a reunião do conselho nacional, que se efectuará no Porto. Deste modo Emídio Guerreiro será afastado, acabando uma fase — fugidia — em que se pretendia, talvez sem êxito, dar uma outra imagem do P.P.D. Em certos meios admite-se no entanto que estas mutações não serão tão «lineares» como à primeira vista possam parecer, falando-se abertamente em crise no seio dos P.P.D., a braços com duas facções perfeitamente nítidas e demarcadas.

TELEVISÃO ESPANHOLA ATACA A INFORMAÇÃO PORTUGUESA

Um telex da France Presse proveniente de Madrid, informa que a TV espanhola decidiu chamar o seu correspondente em Portugal a fim de protestar contra, a que considera, «inadmissível campanha conduzida pela Rádio e pela TV portuguesa contra o nosso regime».

O telex adianta que o director da TV espanhola enviou ao seu homólogo português telegrama no qual afirma, que a citada campanha é «tanto mais grave quanto é certo que a RTP é um organismo oficial do Governo português».

Uma nota da TVE, difundida ontem, cita em particular uma emissão do passado domingo na qual, em sua opinião, se fazia «uma apologia do terrorismo, insultando a Espanha, o seu chefe de Estado e o seu Governo» e entende acrescentar que «teria sido fácil responder da mesma maneira numa altura em que o povo português depara com os problemas de uma luta política entre militares socialistas e comunistas de cúpula, luta que levou o país a uma situação de crise económica, de falta de autoridade e de indisciplina militar».

E a nota a denunciar ingerências em Espanha continuando a «comentar» a situação no nosso país, afirma que ela se agravará com a chegada dos antigos colonos portugueses e convida a Informação portuguesa a ocupar-se «do seu caos económico, das suas greves de camponeses, dos seus

bandos armados e da indisciplina dos seus militares».

O correspondente daquela agência francesa conclui dizendo que «segundo os observadores esta decisão constitui um dos mais graves incidentes ocorridos entre o regime de Franco e os Governos portugueses posteriores ao golpe de Estado de 25 de Abril».

Em nota à margem, e para esclarecimento dos nossos leitores devemos informar que, ao contrário do que entende a TVE, a citada emissão de domingo da RTP (uma entrevista a um militante antifascista espanhol) não insulta a Espanha

mas, ao contrário, denuncia os crimes do regime fascista de Franco e avisa-nos do seu apoio descarado aos terroristas do E.L.P. e do M.D.L.P. que, aquartelados em território espanhol, têm os movimentos perfeitamente livres e os apoios necessários para atacar a Revolução Portuguesa.

Adiantamos ainda que ao contrário do que faz a generalidade da Informação no nosso país, a TV espanhola não se ocupa nunca das greves ou das lutas dos trabalhadores e antifascistas espanhóis, a não ser para os trair e caluniar perante o Povo Espanhol.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALOMECHANICA DO DISTRITO DE LISBOA MOÇÃO

Delegados sindicais, presentes neste Plenário, repudiam vivamente, a escalada contra-revolucionária do patronato que, começando por não negociar o Contrato Colectivo, inventando falsos pretextos e caluniando os justos anseios dos metalúrgicos, procura confundir a opinião pública e acaba de afirmar que não cumprirá a Portaria do Ministério do Trabalho.

A posição reacçãoária do patronato avolumou-se e ganhou força no período anterior à formação do V Governo e com a sua queda forçada. Tendo agora ligações e apoios nas forças (maioritárias) de direita existentes no VI Governo.

A classe operária metalúrgica, consciente do papel de vanguarda que lhe cabe no processo revolucionário, conta com o apoio de outras camadas trabalhadoras e lutará firmemente para que sejam satisfeitas as suas justas reivindicações ao mesmo tempo que se mantém vigilante na defesa das conquistas revolucionárias já alcançadas.

Assim, propomos:

1.º Total apoio à greve de uma hora, no dia 24 (quarta-feira), como primeiro aviso ao patronato.

2.º Responsabilizar desde já, o patronato, caso mantenha a posição de intransigência, pelas consequências que daí possam advir.

Nota: Moção aprovada por maioria no Plenário realizado na Cooperativa da Caixa Económica Operária, no dia 22 do corrente, com a presença de 400 Delegados sindicais representando dezenas de milhares de trabalhadores metalúrgicos das empresas mais importantes do ramo.

Lisboa, 23 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

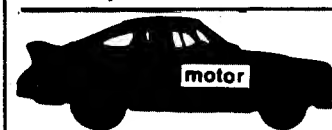
SANTA MARIA

Para eleição de uma comissão de utentes, efectua-se amanhã, às 21 e 30, uma reunião que decorrerá na Aula Magna da Faculdade de Medicina no Hospital de Santa Maria, piso 3.

ANULADO O MANDADO DE CAPTURA CONTRA VERA LAGOA

De acordo com informações obtidas ao fim da manhã, foi anulado o mandado de captura emitido antes de ontem contra a jornalista Vera Lagoa (de verdadeiro nome, Maria Armada Falcão) pelo Comando Operacional do Continente. Ainda segundo informações obtidas à hora de fecharmos o jornal, a referida jornalista vai ser ob-

jecto de uma acção judicial a intentar logo após o termo das férias judiciais.



Concurso de Moedas comemorativas do 25 de Abril

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda torna público que, em reunião de 16 do corrente, o júri deliberou premiar os projectos apresentados sob os pseudónimos «República Portuguesa» e «Destrução do Aparelho Fascista», de autoria de Armando de Matos Simões e «444» de autoria de Duarte Gravato.

Mais se informe que todos os trabalhos concorrentes estarão expostos ao público na Livraria do Estado, na Rua Marquês de Sá da Bandeira, de 26 do corrente a 4 de Outubro próximo, das 9 às 18 horas, excepto ao domingo, encontrando-se igualmente patente a acta da referida reunião.

EXTERNATO «JOÃO PEQUENO»

RUA DA ESTRELA, 21 — TELEF. 66 44 55

INFANTIL-PRIMÁRIO

AMBOS OS SEXOS

Aberto todo o ano, das 08.30 horas às 20 horas

INSCRIÇÕES ABERTAS

Mensalidades sem alterações de preços

Nacional

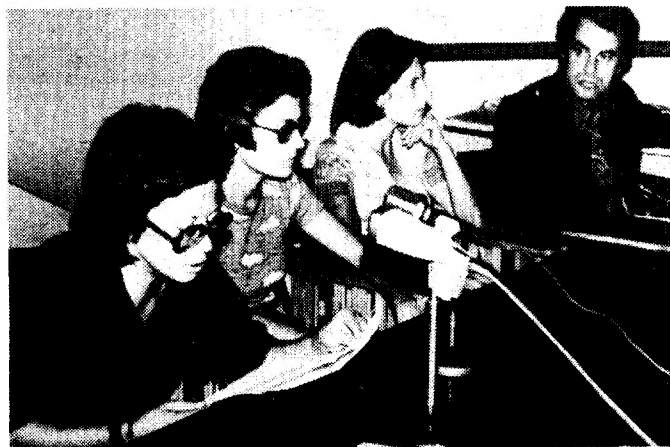
FUR SOLIDARIZA-SE COM REVOLUCIONÁRIOS CHILENOS

A Frente de Unidade Revolucionária promoveu uma conferência de imprensa que, juntamente com o comício de amanhã no Pavilhão dos Desportos e várias realizações na província, se integra num amplo movimento de solidariedade militante (e internacionalismo proletário daquela organização) para com os revolucionários, os antifascistas e o Povo chileno.

Outros objectivos, porém, se pretende atingir com estas manifestações. «O que se passou no Chile foi uma das derrotas mais importantes e sangrentas sofridas pelo movimento operário internacional nos últimos tempos. Analisar profundamente as causas de tal facto é tarefa necessária a quem neste momento enfrenta o desenrolar do processo revolucionário em Portugal» — assim se afirmou na declaração que um elemento do secretariado da F.U.R. leu no início da conferência.

Na mesa estavam, além da representante do secretariado, representantes dos partidos integrantes da F.U.R. e dois elementos da resistência chilena: um militante do M.I.R. (Movimento da Esquerda Revolucionária) e outro do M.A.P.U. (Movimento de Acção Popular Unitária).

Os resistentes chilenos começaram por salientar e agradecer o movimento de solidariedade internacional, quer operária, quer organizada por organizações políticas e até por parte de alguns governos progressistas.



Esta solidariedade tem isolado cada vez mais o Governo ditatorial do general Pinochet que começa a mostrar a sua debilidade. Provas disso — consideraram os resistentes chilenos — são a constituição do Conselho Consultivo pelos três últimos presidentes vivos do Chile, (recurso do ditador chileno para tentar grangear uma base social de apoio mínima ao seu Governo), as críti-

cas de Eduardo Frei (membro do Conselho Consultivo) a aspectos da política de Pinochet após uma visita aos Estados Unidos (a política pinocheteana já não deve agradar a al-



guns sectores do imperialismo americano) e a discordância publicamente manifestada por membros da própria Junta Militar do Chile.

Os dois militantes do M.I.R. e do M.A.P.U. explicaram depois que a resistência chilena se encontra actualmente em fase de organização, através dos comités de resistência popular, nela participando elementos dos partidos de esquerda e an-

tifascistas independentes. Esclareceu o militante do M.A.P.U. que o partido que mais tem organizado as suas fileiras é o Partido Comunista Chileno. Esta primeira fase, que consta de propaganda da resistência e de fazer aumentar o número de comités, antecede a que se espera venha a ser de sabotagem de produção e resistência armada. Não um programa de acção, estando os resistentes chilenos unidos por um objectivo comum: o derrube de fascismo no Chile.

Esclareceu ainda o militante do M.A.P.U. que quanto à possibilidade de uma plataforma governamental não há acordo na esquerda chilena.

Afirmou também que como tal se tem afirmado que «Portugal não será o Chile da Europa», também o Chile não será o Portugal da América Latina no que toca à contribuição das Forças Armadas para o derrube do fascismo.

Na verdade, naquele continente, as Forças Armadas são forças de repressão contra o povo.

Mas a resistência popular chilena, embora com o derrube de Pinochet não vá conseguir imediatamente o socialismo («Pensamos que virá um governo militar de direita»), continuará a lutar para que a libertação do Chile seja realidade.



O repórter de serviço

Por MANUEL ANTA

...MAS TEMOS A GARGALHADA!

Não me venham com convulsões, não me venham falar do humor inglês porque eu digo-o, eu afirmo-o e clamo alto e bom som que o humor português é incontestavelmente — e isto sem patriotismo barato! — o melhor do mundo. «Yes sir! Ladies and Gentlemen» vão tomar o «five o'clock tea» ou para o raio que os parta, mas não pretendam de maneira alguma rivalizar connosco no nosso maravilhoso — e mais que isso... — humor português.

Esta matéria-prima nacional tem-nos valido, paralelamente à remessa dos emigrantes, as melhores divisas do mundo: a gargalhada generalizada! «Yes sir!» A riqueza colossal — em gargalhadas! — que nos tem valido as declarações ou os discursos de certas personalidades políticas portuguesas é algo de extraordinário... O nosso futuro ministro do Comércio Externo tem um futuro livre de preocupações. Mesmo sem ministro a nossa exportação em gargalhada estava assegurada. Quanto ao futuro ministro do Comércio Interno ele também não se tem que preocupar porque esta matéria-prima chega e sobra para o consumo nacional.

Senhor ministro dos Negócios Estrangeiros, a prova dos nove já está feita: Não «namore» mais o Mercado Comum para que eles nos dêem uma ajuda que, como nós já sabemos, de modo

algum será interessada... Encontrámos a chave que nos permitirá, equilibrar e sanear a nossa balança de pagamentos. Encontrámos a chave que em pouco tempo nos permitirá rivalizar economicamente com os «United States». A chave, já o disse (e já o repeti) encontra-se nesta matéria-prima rara nos tempos que correm: o riso!

Senhor ministro das Finanças: não aposte mais nos Giscard d'Estaing, nos Olof Palme, nos Willy Brandt, nos Wilson e nos outros grandes «democratas» deste mundo e arredores. Já não temos «necessidade» deles para aguentar a nossa economia. Um dia destes, eles é que terão necessidade de nós!

A inflação, a crise energética e a crise económica, na qual vegetamos e evoluímos, não resistirão — de modo algum! — ao nosso «ouro em barra», ao nosso «petróleo»: o riso que engasga!

Se porventura, senhores ministros, a nossa produção «risota» baixar, não tenham pesadelos, nem sobressaltos, nem angústias, porque a solução para esse grave problema é de uma simplicidade espantosa. Para recuperar e dar um novo incremento à nossa riqueza em gargalhada, uma simples declaração basta: Socialismo amplo (com a direita e a social-democracia no Poder!) até à construção da sociedade sem classes...

UM ANO APÓS O "28 DE SETEMBRO"

Apoio ao combate dos camponeses do Sul

Sem a concretização da Reforma Agrária não estará assegurado o desenvolvimento democrático e independente da sociedade portuguesa. Este objectivo, fundamental e premente, diz respeito a todo o povo trabalhador.

A jornada de 17 de Setembro, que a D.O.R.L. do P.C.P. assinala ter tido «o apoio maciço de todas as camadas de trabalhadores», constitui uma «poderosa demonstração da força revolucionária do proletariado e dos camponeses do Sul, da sua firme disposição em defender as liberdades democráticas e as conquistas já alcançadas no plano da luta pela destruição do poder dos latifundiários».

O documento da D.O.R.L.,

porque a reacção tenta levantar a cabeça no Alentejo (recorde-se a manifestação do P.S. em Portalegre há dias) e os trabalhadores rurais se erguem em massa contra a ofensiva dos grandes agrários, nesta perspectiva e no momento em que se completa um ano sobre a derrota da tentativa contra-revolucionária do 28 de Setembro, apela para que a classe operária, os trabalhadores e o povo de Lisboa «expressem a sua activa solidariedade ao combate dos heróicos camponeses do Sul e intervenham a seu lado na luta pela Reforma Agrária».

Assim, as palavras de ordem para 28 de Setembro no Alentejo: «Contra os agrários, contra a reacção», «Crédito

Agrícola imediato», «Não às concentrações de agrários», e «Saneamento, reacção fora dos quartéis». Palavras de ordem, que também são válidas para Lisboa e todo o País.

5 DE OUTUBRO EM TORRES VEDRAS

A célula do Partido Comunista Português da Encarnação leva a efeito uma jornada de confraternização, em 5 de Outubro próximo, em Torres Vedras, comemorativa da implantação da República.

Para o efeito, tem já programadas diversas excursões até àquela vila torrejana, com o patrocínio do Centro de Trabalho do P.C.P. naquela vila.

Na mata do «Choupal de

Torres» terá lugar um piquenique e, durante a tarde, desenvolver-se-ão diversas actividades desportivas e culturais, designadamente gincana de bicicleta, corridas de sacos e um torneio de berlimde.

Será proferido um discurso alusivo ao 5 de Outubro e a jornada concluirá com uma sessão de canto livre e variedades.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-MOÇAMBIQUE DENUNCIA CERTA IMPRENSA NACIONAL

A Associação Portugal-Moçambique, num comunicado tornado público ontem à noite, denuncia notícias «tendenciosas» sobre Moçambique que têm sido publicadas em «certa imprensa nacional» que constituem uma «clara interferência nas relações entre Portugal e Moçambique», exigindo das «autoridades competentes as medidas energéticas que a situação impõe».

É o seguinte o texto integral deste comunicado:

«Face a notícias tendenciosas sobre a situação política em Moçambique que ultimamente têm tido eco em certa

Imprensa Nacional, vem a Associação Portugal-Moçambique alertar o povo português para mais esta manobra do imperialismo e seus lacaios, internos e externos.

A intenção é por demais evidente para que se torne necessário debruçarmo-nos sobre ela, dado que os desmentidos e rectificações foram feitas na devida altura pelas entidades competentes.

A revolução moçambicana, conduzida sob a direcção da sua vanguarda revolucionária, a Frelimo, vai consolidando o poder popular rumo a uma sociedade sem classes, e não se-

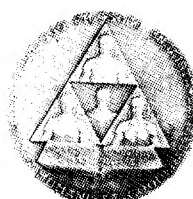
rão manobras deste ou qualquer outro tipo que poderão entrar a marcha irreversível do processo histórico.

Sendo o objectivo fundamental desta associação, o reforço dos laços de amizade e cooperação entre os dois povos em luta comum contra o imperialismo, e constituindo este tipo de notícias tendenciosas uma clara tentativa de interferência nas relações entre Portugal e Moçambique, esta Associação protesta veementemente e exige das autoridades competentes, as medidas energéticas que a situação impõe».

MOÇAMBIQUE

COMPANHIA DE SEGUROS LUSITANA

Para efeitos de interesse comuns solicita-se a todos os segurados do Ramo Automóveis, desta Companhia Moçambicana, que se encontram a residir em Portugal o favor de contactarem urgentemente a Sede da mesma: Caixa Postal n.º 1165 em Lourenço Marques.



ANTÓNIO SÉRGIO

Bronze 70 m/m 250\$00 — Prata 1.600\$00
GRAVARTE — Rua dos Bacalhóiros, 28
— LISBOA —

LEILÃO LIVROS GRAVURAS

PRÓXIMA 2.ª FEIRA, DIA 29, ÀS 21 H., na N/ SEDE

terá início a venda pela maior oferta de boa biblioteca com livros raros e curiosos sobre: HISTÓRIA, LITERATURA, DESCOBRIMENTOS, LIVROS ESTRANGEIROS, S.C.3 R E PORTUGAL, NOVELÍSTICA ROMÂNTICA RARA e OUTROS, prosseguindo nas noites seguintes no mesmo horário.

GRAVURAS SECS. XVI, XVII, XVIII e XIX, sobre variados temas, serão precedadas na sucessão do leilão de livros, ou seja SABADO, DIA 4 DE OUTUBRO ÀS 21 HORAS.

EXPOSIÇÃO das 15 às 19 horas

Peça CATALOGOS (gratuitos) e ENCOMENDAS:

SOC. DE LEILÕES

AFRASILHOS, LDA.

Avenida Duque de Loulé, 1-A

Lisboa

Telefs. 532929 — 47018 9

Nacional

JOAQUIN HINOJOSA: POETA, ACTIVISTA, AGITADOR

«Eu não escrevo para todos porque nem todos são meus irmãos e nem todos não-de compreender-me» — escreve Joaquín Hinojosa numa breve introdução a este seu livro intitulado «Com mais versos em combate», que a Iberlívro, Centro de Cultura Ibérica, acaba de publicar. As palavras do autor têm uma acepção rigorosa: trata-se de dizer, com elas, que a Humanidade é uma realidade socialmente dividida. Em classes, já se vê. E seria ridículo um indivíduo qualquer que ao escrever qualquer coisa para os outros, pretender que escreve para a humanidade inteira. Uma voz proletária encontra surdos os ouvidos da burguesia. Assim como as vozes da burguesia não vão geralmente ao encontro da receptividade do proletariado. Trata-se de uma reflexão extremamente sumária e simplista. Mas é isso o que os versos de Hinojosa nos propõe. Estes versos são «gritos de esperança e de guerra da Bolívia; do Chile, da América Latina» e foram escritos de acordo com uma função que lhes foi previamente fixada: eles deveriam ser ditos, ou cantados acompanhados à guitarra, se possível, e, se possível, lidos. Mas, neste caso, lidos como se lêem os manifestos e os panfletos revolucionários, as inscrições murais. Nada de literatura.

Entre nós para uns recitais destinados a um público provavelmente pouco disponível para isso (porque empenhado noutras coisas). Joaquín Hinojosa falou-nos dessas coisas, mas sobretudo de outras. Da Latino-América e de Portugal, das semelhanças que poderá haver hoje entre o Chile de Allende e Portugal, por exemplo.

A situação em Portugal é um pouco confusa. Lembra-me o Chile. A situação em Portugal é confusa tanto no aspecto político como no aspecto militar — diz-nos Hinojosa.

O que o habilita a falar destas coisas e nos permite regis-

tar as palavras que ele diz é a experiência que está por trás de apreciação assim aparentemente tão sumária. Boliviano (natural de Las Minas, aquele cenário do filme «A Coragem do Povo», lembrem-se?), foi estudante, embarcou na experiência chilena, foi para o Chile de Allende, abandonando um

Quando alguns de nós eramos levados, os que ficavam pensavam que talvez fosse a vez deles para a próxima. Foi lá que soube da morte de Vitor Jara. Quando se vivem experiências como a do Chile em Setembro de 1973 fica-se marcado para toda a vida.

Joaquín Hinojosa conseguiu



curso de Medicina numa universidade da sua Bolívia de Barrientos, primeiro, e de Bazar, depois. Estava no Chile, em Santiago, quando chicho Allende caiu à força das armas. Foi um dos muitos milhares que Pinochet mandou meter dentro dos estádios: coube-lhe o Nacional.

Estive no Estádio Nacional 46 dias. Entre os dias 15 e 20, de Setembro de 73, depois do golpe de Pinochet a 11, chegámos a estar no Nacional ai uns trinta mil. Era terrível. Nos primeiros dias nem sequer água nos queriam dar. Depois deram-nos pão e água. Dormíamos por turnos. Todos os dias alguns de nós eramos levados pelos soldados para a morte. Ouvíamos os tiros.

sair do Chile de Pinochet graças a pressões internacionais que fizeram o regime fascista triunfante a 11 de Setembro de 73 deixar partir os estrangeiros. Então exilou-se na Suíça.

Mas a Suíça é horrível, impossível desenvolver qualquer actividade já não digo política, mas sequer cultural. Estamos lá uns milhares largos de compatriotas latino-americanos. O máximo que podemos fazer a favor do Chile, do povo chileno é emitir e distribuir uns panfletos, realizar uns «meetings», que mais? — Estou em Portugal para conviver, para participar, fundamentalmente para participar no processo que está a desenrolar-se neste país.

Deve perguntar-se a um boliviano que passou pelo Chile de Allende e de Pinochet e agora se exilou na Suíça a sua impressão sobre Portugal? Pode, pelo menos. Sobre os militares, sobre os políticos, sobre o povo (as pessoas comuns, esse amálgama difuso de estratos diversos cingidos por uma condição comum: a de se tratar (em maior ou menor grau e sob qualquer forma) de explorados).

Hinojosa: Há uma diferença fundamental entre os militares portugueses e os latino-americanos. Os militares portugueses têm, creio, uma mais forte consciência política, que adquiriram nas guerras coloniais com (contra) os movimentos de libertação, em contacto com uma realidade que os terá inevitavelmente influenciado. Já a generalidade dos militares sul-americanos, procedentes quase todos da burguesia — poucos são os que tomam consciência do que se passa na sua pátria, com o seu povo.

A situação em Portugal: tenho a impressão de que está a «aprofundizar-se» a luta de classes, à medida que o processo histórico avança. Mas as pessoas aqui são um pouco ainda propensas à discussão. No Chile era a mesma coisa, na fase pré-revolucionária. Depois a luta de classes estalou e acabaram as discussões. Os campos tinham-se extremado. De um lado o proletariado e os seus aliados. Do outro a burguesia e os seus aliados também. Mas, em Portugal, tenho a impressão de que se discute muito. Vocês entendem-se uns com os outros? Quero dizer: os que estão de um lado com os que estão do outro...

Dizemos a Hinojosa que a situação em Portugal é particularmente confusa, mas talvez as posições já se tenham extremado inevitavelmente. Hinojosa, aliás: A situação em Portugal é parece-me um pouco confusa... Eu vim apenas para conviver, participar, fundamentalmente para conviver, para participar.

Hinojosa, quem é? Um tipo até muito comum. De parte os dados biográficos, diga-se: um revolucionário, um poeta, um activista, um poeta activista, se preferirem. Aqui há tempos um jornal suíço falava de mim e chamava-me isto: agitador. Agitador...

NA COVILHÃ CONGRESSO OPERÁRIO COMEÇA NO SÁBADO

Vai realizar-se na cidade da Covilhã, nos próximos dias 27 e 28, o I Congresso Nacional das Comissões de Trabalhadores, já conhecido também como Congresso Operário da Covilhã.

Os assuntos centrais a tratar pelos delegados, são o controlo operário sobre a produção, a luta pela semana das 40 horas, os Conselhos de Trabalhadores, nacionalizações e intervenção do Estado e saneamento técnico e político.

Além das Comissões de Trabalhadores de todo o País, são convidados a assistir como observadores, os sindicatos e partidos políticos e todos os órgãos da vontade popular, nomeadamente comissões de trabalhadores, comissões de moradores, uniões e associações de camponeses e comités de soldados e marinheiros.

Este Congresso, segundo afirmam os delegados das Comissões de Trabalhadores, pretende reunir todas as comissões para discutirem os seus problemas, não com carácter deliberativo, mas como forma de forjar a unidade da classe operária e de todos os traba-

lhadores em torno do objectivo da tomada do Poder político.

A escolha da Covilhã para o local do Congresso deveu-se à forte implantação operária verificada na cidade serrana e à situação geográfica, a meia distância entre Lisboa e o Porto.

Um elemento da comissão organizadora deste I Congresso Nacional das Comissões de Trabalhadores, com quem contactámos telefonicamente para a Covilhã, declarou que «o nosso Congresso tem sido alvo de toda a espécie de tentativas de sabotagem por parte dos inimigos do Povo», referindo nomeadamente que elementos reaccionários se dedicam, durante a noite, a arrancar a propaganda do Congresso. Acusou ainda esses mesmos elementos reaccionários de «organizarem uma excursão a Coimbra, quase de graça, só para tentarem desviar os operários, do Congresso».

Está já assegurada a presença de várias dezenas de comissões de trabalhadores, neste Congresso que conta com o apoio do Secretariado Nacional (Provisório) das Intercomissões de Trabalhadores.

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDES

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO: — Que, por escritura de sete de Agosto de mil novecentos e setenta e cinco, lavrada de folhas cinco verso a folhas oito do livro número D-sessenta e seis das notas deste Cartório, Perpétua Carneiro dos Santos Prieto ao deixar de ser sócia da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, na Rua do Loreto, número quarenta e oito denominada: Sapataria Persa, Limitada, renunciou à gerência.

Ainda por esta mesma escritura Manuel Jeanne Santos Prieto Luz, Eduarda Stelina Prieto da Fonseca e Ilda Piedade Santos, que, segundo declara, também usa assinar Ilda Mary Santos, como únicas sócias que ficaram sendo da dita sociedade Sapataria Persa, Limitada, unificadas as quotas das sócias que tem mais do que uma, alteraram parcialmente o pacto por que

a mesma sociedade se rege, tendo sido dada ao artigo terceiro a seguinte redacção:

Artigo terceiro — O capital social é de vinte mil escudos, inteiramente realizado e representado pelos diversos valores sociais, como consta da respectiva escritura e corresponde à soma das quotas das sócias que são: uma de nove mil novecentos e cinquenta escudos da sócia Manuela Jeanne Santos Prieto Luz, uma também de nove mil novecentos e cinquenta escudos, da sócia Eduarda Stelina Prieto da Fonseca e uma de cem escudos da sócia Ilda Mary Santos.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos dezasseis de Agosto de mil novecentos e setenta e cinco.

O Ajudante do Cartório
Cremilda Pinteus Marques da Silva
Malvar

CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE SINES

A cargo da notária licenciada Carolina da Conceição Pereira.

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de dois do corrente, lavrada neste cartório, e exarada de folhas oito, verso a folhas dez, no livro de notas para escrituras diversas número duzentos setenta e quatro, os senhores Lucindo da Luz, casado e Manuel Domingos Martins d'Oliveira, solteiro, maior, residentes em Sines, constituíram entre si, uma sociedade de comércio por quotas de responsabilidade limitada que se regula nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Ultimoda — Pronto a Vestir» De Luz e Oliveira, Limitada, tem a sua sede em Sines, na Rua Primeiro de Dezembro, número treze, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º — O seu objecto é o comércio de confecção de vestuário, pronto a vestir e acessórios.

3.º — O capital social é de oitocentos mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, entrado na Caixa Social e representado por duas quotas iguais, de quatrocentos mil escudos, uma de cada sócio.

4.º — A cessão entre os socios e livremente permitida. Em relação a es-

tranhos, torna-se necessária a autorização da sociedade, à qual cabe o direito de opção.

5.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida pelos dois sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

Para onerar ou vender bens móveis ou imóveis da sociedade será necessária a assinatura dos dois sócios. Para os restantes actos e contratos basta a intervenção e assinatura de qualquer dos sócios.

6.º — Os sócios não podem obrigar a sociedade, por meio de fianças, abonações, avales, letras de favor, em actos e contratos estranhos à vida social.

7.º — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com antecedência de quinze dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Cartório Notarial de Sines, cinco de Julho de mil novecentos e setenta e cinco.

O Ajudante do Cartório Notarial de Sines
Jaime de Vilhena Mateus

O P.C.P. E AS BOMBAS DE LEIRIA

Estão em causa a liberdade e a democracia

Nos termos do Decreto-Lei N.º 31 207 foi designado superior da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana o padre José Maria Ferreira Maio.

A Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização concedeu à Associação dos Jardins-Escolas João de Deus um reforço de 154 700\$00 para a obra de construção dos seu novo estabelecimento de ensino em Olivais-Sul.

Uma outra comparticipação, esta de 1597 contos, foi assegurada ao Fayal Sport Clube para a construção da sua sede.

A Comissão Ministerial de Saneamento e Reclassificação do Ministério dos Assuntos Sociais demitiu da função pública o médico dr. Luis António Ribeiro da Silva Ferreira, que pertenceu ao quadro dos Hospitais Geral de Santo António e de D. Maria Pia (Porto).

«No distrito de Leiria a reacção investiu novamente durante as noites de sábado e domingo, utilizando esta vez formas mais subtis e traiçoeiras que, à semelhança do que se passou na messe da Armada em Lisboa, se caracterizaram por atentados bombistas, utilizando embora — e talvez por enquanto — engenhos de força potência» — é com este grito de alarme que começa um comunicado ontem distribuído pela Organização Regional do Oeste e Ribatejo do Partido Comunista Português e no qual se chama a atenção do povo para a escalada terrorista que assola o país de há dois meses a esta parte, cada vez mais intensa e alarmante.

A região de Leiria tem sido uma das preferidas forças reaccionárias para levarem a cabo os seus intentos destruidores. Na noite do último sába-

do, três engenhos deflagraram. Um foi mesmo em Leiria num carro estacionado, os outros dois em duas localidades do concelho da Batalha. Apenas se registaram prejuízos materiais e alarme entre a população.

Domingo, no entanto, a escalada terrorista continuou e, de acordo com o mesmo comunicado, «contra um estabelecimento comercial, ao ponto de tentar atingir o Centro de Trabalho do P.C.P.».

«No momento em que todo o Povo Português aguarda ansiosamente por parte do VI Governo Provisório o estabelecimento da autoridade democrática em todo o País», salienta o mesmo texto, «este novo surto terrorista é bem significativo quanto à imperativa urgência em travar eficazmente o passo à reacção».

E, a terminar, assinala o co-

municado: «Quando a reacção se atreve a investir contra o Centro de Trabalho do P.C.P. na Marinha Grande, não são apenas os comunistas que estão em causa, é toda a classe operária, são todos os trabalhadores marinhenses, é a liberdade, é a democracia».

Português preso

AUXERRE, 23 (FP) — Gaspar Ribeiro Guedes, de 28 anos, residente em Villeneuve sur Yonne, no centro da França, deu entrada na prisão de Auxerre, depois de preso pela Polícia da localidade onde vivia. É acusado de ter morto um seu compatriota, marido da sua amante, José da Silva, de 37 anos, Pai de três filhos.



MISSÃO CUMPRIDA

O ministro da Agricultura respondeu às exigências dos trabalhadores alentejanos

Os dirigentes dos operários agrícolas alentejanos regressaram já às suas terras após terem vindo a Lisboa «aclarar a situação e as linhas de orientação do novo ministério para a Reforma Agrária».

Mais habituados ao trabalho do que à «diplomacia», os dirigentes dos Sindicatos Agrícolas de Évora, Beja, Santarém e Portalegre não marcaram audiência com o novo ministro da Agricultura. Apesar da sua «agenda sobrecarregada» (era o primeiro dia nas suas novas funções), o eng. Lopes Cardoso recebeu os trabalhadores alentejanos cerca das 18 e 30. Também os homens do Alentejo queriam falar com a direcção do Sindicato dos Bancários. Falaram desta sua intenção na Rádio. Esqueceram-se de marcar a entrevista com os bancários. E também aqui foram recebidos. Os trabalhadores alentejanos têm um bom cartão de apresentação: muitos anos de resistência contra o fascismo e, depois do 25 de Abril, meses de trabalho sem receber salário e uma luta consequente pelo avanço da Reforma Agrária. Ninguém tem coragem de virar as costas aos trabalhadores alentejanos.

A saída do encontro com o

eng. Lopes Cardoso, José Soeiro, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja, declarou: «Nalguns pontos, a reunião foi bastante positiva. O ministro respondeu satisfatoriamente a algumas perguntas e exigências. O que os trabalhadores agrícolas exigem do Governo é a concessão de crédito, o avanço da Reforma Agrária e a expropriação dos grandes agrários».

A delegação de trabalhadores agrícolas apresentou também as suas reservas quanto à Lei de Reforma Agrária que consideram ter sido elaborada «nas costas dos trabalhadores».

Os dirigentes foram ainda recebidos pelo ministro das Finanças, dr. Salgado Zenha. Foi abordado o problema da entrada em vigor do crédito especial para as herdades colectivas, para o que é necessária a saída de uma portaria. «Se a portaria não for publicada imediatamente, fica comprometido todo o processo da Reforma Agrária».

O crédito especial foi aprovado pelo V Governo Provisório para reforçar o crédito agrícola de emergência, na medida em que o seu âmbito abrange os salários e os inves-

timentos das herdades colectivas.

O encontro dos trabalhadores alentejanos com os bancários foi talvez um dos pontos mais importantes nesta sua deslocação a Lisboa. «A greve do Alentejo — explicou José Soeiro — foi uma greve como as que se fazem em todos os países, com piquetes que impediam a entrada nas herdades de trabalhadores que não compreendiam os objectivos da luta. Quem demagogicamente, nos apoia na teoria e na prática não serve a nossa luta? Neste momento quem se sente amedrontado é aquele que tem alguma coisa a perder, o que não é o nosso caso: alguma incompreensão dos bancários a nosso respeito, baseia-se no facto de um bancário ganhar 12 000\$00 e um trabalhador agrícola 4000\$00. Por isso, e para se fazer uma Revolução agrícola, há que não ter medo e haver compreensão».

Entretanto, a direcção dos bancários rectificou uma posição assumida há dias num comunicado: «Nós não somos contra a paralisação. Apenas manifestamos as nossas reservas ao processo para chegar à paralisação dos bancários de Beja. No entanto, consideramos que mesmo com outros meios, o resultado teria sido a adesão à paralisação».

A direcção do Sindicato dos Bancários convidou os dirigentes agrícolas a estarem presentes no próximo plenário dos bancários para esclarecimento da luta dos operários agrícolas pela Reforma Agrária. O convite foi aceite, não estando ainda a data marcada.

O XXVI congresso de astronáutica inaugurado ontem em Lisboa

«Portugal não é a Lua!», foi o comentário que a agência France Presse fez em relação à não vinda a Portugal dos astronautas dos E.U.A., para participarem no XXVI Congresso de Astronáutica que este ano se realiza no nosso país, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, e que ontem foi inaugurado.

Por seu turno, a União Soviética não se serviu do mesmo pretexto dos americanos (consta que a N.A.S.A. não autoriza a presença dos seus homens do espaço em países onde a «situação é confusa») e enviou ao Congresso alguns dos seus astronautas, que engrossaram o número dos especialistas presentes (quase cinco centenas).

Abriu a sessão inaugural o general Fontes Pereira de Melo, em representação do Presidente Costa Gomes, que referiu o interesse do nosso país neste domínio e lembrou, uma vez mais, que os portugueses, há 500 anos, «descobriram novos mundos».

Alguns números importantes: Estão presentes 65 cientistas, entre os quais Leonid Sadov, o «pai dos Sputniks»; vão ser apresentadas 200 comunicações em 40 reuniões especializadas; na sessão de abertura usaram da palavra cinco oradores (o referido, o prof. Varela Cid, presidente do Grupo Português de Astronáutica, o eng.º Caldeira Rodrigues, presidente da C.A. da C.M.L., L. Jaffe, presidente da Federação Internacional de Astronáutica e

Perek, em representação das Nações Unidas): todos sa-

lientaram a importância histórica do acontecimento.

NOVOS ADMINISTRADORES DA GULBENKIAN

JOEL SERRÃO E PEDRO TAMEM TOMARAM POSSE

Joel Serrão e Pedro Tamem tomaram ontem posse dos cargos de administradores da Fundação Calouste Gulbenkian, no decorrer de uma cerimónia presidida pelo dr. Azeredo Perdigão, a que assistiram numerosos trabalhadores da Fundação. Foi a primeira vez que os trabalhadores tiveram interferência directa no preenchimento dos lugares de administradores que se encontravam em aberto, pois coube-lhes indicar uma lista de cinco nomes dos quais o Conselho de Administração veio a escolher os que agora foram empossados.

Assistiram à cerimónia, além do presidente do Conselho de Administração, dr. Azeredo Perdigão, o prof. Ferrer Correia, Roberto Gulbenkian, José Blanco e Kevork Essayan, membros do Conselho de Administração.

Usando da palavra o dr. Azeredo Perdigão felicitou os novos membros do conselho de administração, salientando ao mesmo tempo o sentido apolítico que deve presidir à Fundação, organismo que, segundo os seus estatutos, deverá apenas «servir o interesse público definido pelos órgãos competentes de soberania».

O dr. Azeredo Perdigão fez a seguir um breve resumo do

desenvolvimento da Fundação Gulbenkian ao longo dos seus 20 anos de existência, revelando que, com um capital inicial de cerca de 1 milhão e novecentos mil contos, até Dezembro do ano passado a Gulbenkian tinha distribuído mais de seis milhões de contos.

Referiu-se depois às dificuldades com que actualmente a instituição depara, a maior parte delas decorrentes da conjuntura internacional, das nacionalizações do petróleo, e outros factores que vieram limitar as receitas habituais. O dr. Azeredo Perdigão chamou a atenção dos trabalhadores da Fundação para o esforço que terá de ser feito pedindo-lhes «calma» e «colaboração» para enfrentar o futuro.

Falou depois o dr. Joel Serrão que referiu a sua hesitação em aceitar o cargo, mas, por ter a consciência da importância que a Fundação Calouste Gulbenkian tem na construção do novo Portugal, acabou por aceitar um lugar que não procurou. Prometeu dar o melhor do seu esforço no quadro de um País novo que há para construir, agora que Portugal está limitado ao seu pequeno espaço europeu.

Por sua vez o dr. Pedro Tamem, depois de referir que

considera um administrador como um trabalhador com missões específicas, salientou que só sabe trabalhar e pensar em diálogo. Considerou as dificuldades que vai encontrar como um «desafio fascinante» prometendo contribuir dentro das suas possibilidades para ajudar os restantes trabalhadores na concretização da vontade expressa, no seu testamento, por Calouste Gulbenkian.

Em nome dos trabalhadores usou da palavra a dr.ª Lucinda Mata que principiou por destacar que, na história da luta que os trabalhadores da Fundação vêm travando desde 6 de Maio de 1974, este dia marcava um passo importante: «Pela primeira vez, tomam lugar no conselho de administração pessoas que foram escolhidas depois de auscultada a vontade dos trabalhadores e de lhes ser reconhecido o legítimo direito de se pronunciarem sobre os elementos a quem compete a pesada responsabilidade de administrar a Fundação Gulbenkian».

Salientou depois o sentido de que se revestia a presença no conselho da administração de elementos que têm a confiança dos trabalhadores.

A terminar a dr.ª Lucinda Mata, recordou o passado pro-

gressista dos elementos empossados e a sua qualidade de prestigiosos trabalhadores da cultura portuguesa, prometendo-lhes total colaboração mas «uma colaboração crítica como aquela que damos e pedimos a todos os outros elementos do conselho de administração».

OS EMPOSSADOS

O dr. Joel Serrão nasceu no Funchal, em 1919, onde concluiu o curso liceal. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e exerceu de 1948 a 1972 o magistério liceal em Viseu, Funchal, Setúbal, e no Liceu Passos Manuel. Em 1972 ingressou no ensino superior, como professor extraordinário regendo a cadeira de História Económica no Instituto Superior de Economia. Já depois do 25 de Abril foi convidado para professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, onde sistematicamente tinha sido proibido de ingressar durante o fascismo. Recentemente foi nomeado vice-presidente da Associação Portuguesa de Escritores, a época em que esta foi extinta pelo Governo sala-

zarista devido à atribuição de um prémio ao escritor angolano Luandino Vieira.

O dr. Pedro Mário Alles Tamem, nasceu em Lisboa em 1 de Dezembro de 1934, e é licenciado em direito pela Universidade de Lisboa. Enquanto universitário dirigente da Juventude Universitária Católica e responsável, durante os dois primeiros anos de publicação, pelo jornal «Encontro», percursor do chamado «catolicismo progressista». Foi animador e dirigente cineclubista na fase crucial de desenvolvimento do movimento dos cineclubes em Portugal. Profissionalmente esteve desde sempre ligado a Livraria Moraes Editores, de que é actualmente director. Paralelamente foi director-adjunto da revista «Flama» e professor do ensino secundário particular. Foi editor da revista «O Tempo e o Modo» na sua primeira fase.

Além de colaboração dispersa em jornais e revistas, e de numerosas traduções, tem publicado os seguintes livros de poesia: «Poema para todos os dias»; «O Sangue»; «A água e o vinho»; «Poemas a isto»; «Daniel na Cova dos Leões»; «Escrito de memória»; «Os quarenta e dois sonetos»; «Agora estar».



Nacional

ANGOLA

"CONTRAPÔR À FORÇA DOS MERCENÁRIOS A FORÇA REVOLUCIONÁRIA DOS TRABALHADORES"

● F.N.L.A. mantém-se no Caxito

Confirma-se a reconquista do Caxito por tropas mercenárias da F.N.L.A. Segundo fontes portuguesas, assiste-se, neste momento, a intensa movimentação de forças daquele movimento e do M.P.L.A. nas imediações daquela vila e da barra do Dande. Esta movimentação poderá ser prenúncio de nova contra-ofensiva do M.P.L.A., que em 6 do corrente havia já expulso a F.N.L.A. daquela região onde se situa o importante nó rodoviário que permite a ligação de Luanda ao porto do Ambriz.

Segundo diversos observadores, a reconquista do Caxito levanta sérios obstáculos às importantes ofensivas que o M.P.L.A. mantém em curso, nomeadamente a sul, contra Nova Lisboa e a Norte, rumo ao Ambriz e a Carmona. Os mesmos observadores salientam que a acção das forças da F.N.L.A. foi largamente facilitada pela deslocação de importantes efectivos do M.P.L.A. para a região de Nova Lisboa e pela concentração de tropas na frente norte.

Com a F.N.L.A. novamente a apenas 53 quilómetros de Luanda, é possível que se venha a operar uma rápida revisão da estratégia militar do M.P.L.A., forçado agora a acorrer à defesa da capital, a qual, segundo rumores não confirmados, poderia sofrer ainda a pressão de forças mercenárias comandadas pelo ex-oficial do Exército português, Santos e Castro, através da via Malanje, Salazar, Catete.

Em Luanda, contudo, o directório político e militar do M.P.L.A. não se mostra excessivamente preocupado com a situação, classificando a queda de Caxito como «um mero desaire». É neste contexto, aliás, que se situa a recusa firme do M.P.L.A. em estabelecer qualquer acordo com a F.N.L.A., atitude esta que vem sendo acompanhada de uma maior maleabilidade no que se refere à U.N.I.T.A. Embora se especule bastante quanto à possibilidade de se registarem, já na próxima semana, alterações sensíveis na cena política angolana, tendo principalmente em vista a reunião a realizar no domingo em Kampala pela Comissão da O.U.A. para conciliação em Angola, é de notar que os movimentos de libertação se mostram pouco interessados naquele encontro, especialmente o M.P.L.A. que tem visto os acordos até agora estabelecidos com os seus rivais serem sucessivamente violados. Esta reunião, que absorverá delegados do Burundi, Marrocos, Somália, Gana, Nigéria, Argélia, Quênia e Lesoto, insere-se nas decisões da última cimeira da O.U.A. quanto ao papel a desempenhar por

aquela organização no conflito angolano.

No que se refere concretamente ao M.P.L.A., o primeiro-ministro Lopo do Nascimento, em recentes declarações, definiu concretamente a posição do seu movimento nos seguintes termos: «é necessário que à força dos Exércitos mercenários possamos contrapor a força revolucionária das massas trabalhadoras».

EVACUAÇÃO DE REFUGIADOS

Cifra-se em 12.288 o número de retornados de Angola evacuados até 18 do corrente mês por aviões estrangeiros envolvidos na ponte-aérea entre aquele território e Portugal. Neste período, aviões estrangeiros efectuaram um total de 54 voos de ligação com Portugal, assim distribuídos:

Estados Unidos da América

do Norte, 20 voos, com 5540 passageiros; França, 16 voos, com 3123 passageiros; República Federal da Alemanha, 8 voos, com 2170 passageiros; Inglaterra, 7 voos, com 988 passageiros; República Democrática Alemã, 3 voos, com 467 passageiros.

Estes dados foram fornecidos ontem através de um comunicado da Presidência da República, no qual se salienta que este auxílio prestado pelos mencionados países tem sido gratuito.

Entretanto, também ontem, foi revelado em Estocolmo que o Governo sueco tenciona doar três milhões de coroas a Portugal como auxílio para os refugiados de Angola. Mais de metade desta soma será empregue na compra de cobertores, dividindo-se a verba restante pela aquisição de medicamentos e outras coisas necessárias aos refugiados.

TIMOR E O IMPERIALISMO NO ÍNDICO

Apesar dos repetidos desmentidos de Jacarta, continuam a pesar fortes suspeitas quanto ao envolvimento directo de tropas indonésias no conflito entre movimentos rivais no Timor Português. Ontem, o Governo Indonésio voltou a desmentir que as suas tropas tenham entrado na parte Leste da ilha de Timor, conforme acusação que lhe havia sido movida pela Fretilin. Foi, no entanto, confirmado que unidades navais indonésias se mantinham em estado permanente de alerta ao largo do Timor Português. Esta presença em águas territoriais daquela colónia, é justificada, por Jacarta, sob a alegação de que se destina a impedir «qualquer intervenção estrangeira no conflito».

SITUAÇÃO DOS PRISIONEIRO PORTUGUESES

Em Lisboa, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, referindo notícias segundo as quais seria possível que o Movimento Anticomunista de Timor (ex-UDT) executasse os prisioneiros portugueses que mantêm em seu poder em Batagadé se Lisboa não tomasse medidas para resolver a situação

na sua colónia, difundiu o seguinte comunicado:

«Relativamente a um telegrama da Reuter, segundo o qual fontes oficiais, não identificadas, da Indonésia consideram provável que a União Democrática Timorense (UDT) tenha condenado à morte e venha a executar todos os militares portugueses que conserva em seu poder se Lisboa não tomar medidas imediatas para resolver o problema do Timor Português, o Ministério dos Negócios Estrangeiros esclarece que se trata de notícia não confirmada, colidente com as justas perspectivas das diligências que, a todos os níveis, têm sido levadas a efeito pelo Governo Português, com vista a uma solução do problema de Timor por meios não violentos. O Governo Português recusa-se a acreditar na genuinidade da notícia e vai tomar imediatamente as medidas adequadas ao seu esclarecimento.

A UDT nunca se recusou a entregar os militares portugueses que detém, e o Governo Português aguarda uma resposta dos seus dirigentes acerca da proposta que lhes foi dirigida, solicitando essa entrega e propondo conversações sobre o futuro do território de Timor.»

EM SACAVÉM OS SUV COM O POVO

«Reaccionários, fora dos quartéis, já!»

Este o grito que ontem se ouviu em Sacavém solto por muitas centenas de trabalhadores convocados pela Comissão de Moradores de Sacavém de Cima.

Todos os presentes manifestaram desprezo por um Governo de direita, o seu ódio ao fascismo e o seu apoio resolutivo aos organismos populares.

Durante o percurso para a Escola Prática do Serviço de Material, de Sacavém, os manifestantes (havia operários da Fábrica de Loças de Sacavém e da Trefilária) apontaram aos moradores da zona qual o lugar dos soldados: «Sempre, sempre, ao lado do povo!»

Quando a manifestação atingiu a EPSM, numerosos soldados romperam em aplausos. Um soldado, em palavras firmes, considerou a manifestação «um exemplo da profunda união que deve existir entre os organismos populares e os soldados que habitam as Unidades».

Acentuou que «os soldados recrutados e os estagiários que se encontram, agora, dentro dos muros do quartel de Sacavém, estão a entrar dentro do espírito da Unidade».

É alto e bom som, disse o soldado:

«As nossas armas estarão sempre ao lado do povo. Sacavém é ponto estratégico e nunca os ELP's e os spinolistas aqui passarão.»

CASAS, "ESPINHOS" EM CHELAS

TRÊS METROS

DEZ PESSOAS

UMA COMISSÃO DI

Dez pessoas vivem em três metros de terra, com paredes ao alto a separar divisões que não parecem existir, numa casa-tugúrio da freguesia de Chelas. Com toda a pompa, aquele tugúrio-casa pertence à «Vila Leonor», na Estrada de Chelas de um número que já não recordo. Sei, ainda, que Manuel Carlos Amaro dos Santos, mulher e cinco filhos, com a sogra, uma filha desta e um neto ali vivem em promiscuidade, porque em Chelas habitação é drama e comissão de moradores e arredores.

Manuel Carlos retornou de Angola, onde era elemento da P. S. P. em Abril. Em Lisboa, dadas as carências habitacionais, outra saída não teve que recorrer aos bons préstimos da sogra. E, naquela casa, não são só os filhos que ocupam, se assim se pode dizer, espaço. São, também, as malas, que vimos ainda desarrumadas numa casa a que podemos, sem favor chamar tugúrio, e as pessoas — que são 10 — não têm quarto de banho, água corrente nem o mínimo de condições sanitárias.

O mesmo drama é vivido por muitas outras famílias, 11 das quais se encontram na «Vila Leonor». Uma delas alugou um outro tugúrio, no mesmo enfiaimento, por 1800 escudos (!), quando as rendas se encontravam congeladas. Um erro que a mulher explica nestes termos: «Não tínhamos onde dormir-mulher, homem e dois filhos — sabíamos que havia esta casa aqui para alugar e viamos. Mas a proprietária enganou-nos!».

...E bem: mais do dobro pelo aluguer de uma casa-tugúrio onde as paredes enegrecem quando chove, onde, também, não há quarto de banho nem água canalizada — há canos para isso apressadamente atezados nas paredes exteriores — e as pessoas não têm o mínimo dos mínimos de conforto.

O descumprimento sanitário na quele local é abominável. O ano passado, na época das chuvas, o acesso à «Vila Leonor» era lastimoso pela lama que o envolvia. Com muito sacrifício e menos sovínice da proprietária foi possível colectar umas dezenas de escudos, comprar cimento e melhorar o local. Mas os esgotos esses permaneceram praticamente na mesma, porque canos para eles não apareceram. E os moradores, que tinham participado e feito todo o trabalho, de condição mais que modesta, não os compraram.

COMISSÃO DE QUÊ?

Já fomos acusados, quando membros da comissão de moradores, de ultrapassar os poderes conferidos à comissão administrativa da Junta de Freguesia, contaram-nos António Lopes e Raimundo. «Abandonamos o cargo», prosseguiram, e disso estamos hoje, muito arrependidos, porque, de contrário, muitos dos problemas que se têm posto ultimamente e com mais agudeza teriam sido revolucionariamente resolvidos».



— O que é isto? Paredes de ruína, uma vala e um poço (descobre para as crianças



— Esteve para ser um bairro de casas, prometeu ser garagem abusivamente construída e ruíu há meses. Ao lado, casas que não são casas e pessoas que parecem não existir.

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço vendo barato mobílias casa de jantar, quartos, escritório, modernas, nórdicas, Q. Anne, D. Maria, Império, Século XVII, roupeiros, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte da igreja de Arroios).

Texto de JÚLIO RODRIGUES

Fotos de JOSÉ TAVARES

E MORADORES...

escudos por uma cozinha e um quarto-sala em dois metros de comprimento por dois de largura.

Três ou quatro tiveram a luminosa ideia de construir anexasmente, um cubículo e instalar ali a sua improvisada cozinha que sai do conjunto como a cabeça da lesma do invólucro. Mas o Manuel Quaresma já avisou que não quer que a gracinha se repita. E a comissão de moradores, hoje formada por dois homens que se entendem com os senhores do sítio e há dias deixaram um comerciante ocupar de tácto acordo com a proprietária, uma casa ali na Estrada de Chelas, junto à sua mercearia, essa não se rala.

«Aqui», é ainda António Lopes que todos os trabalhadores admiram no sítio, que nos fala, «têm sucedido coisas estranhas. Há dias foi um retornado que ocupou, uma casa vaga, alegando ter pouco dinheiro. Depois, fez obras de restauro e ampliação no valor de 32 contos. Claro que a comissão de moradores pouca importância deu ao caso».

TRÊS METROS DE TERRA

Muitas falcaturas têm sido cometidas na freguesia de Chelas, relativamente à habitação. Cândida Dias e Sílvia Dias, uma advogada e outra proprietária dos tugúrios-casas da «Vila Leonor», se outras não perpetraram, uma há, que já referimos que auferiu 1800 escudos por três metros de terra que poderiam ser para um caixão, transgredindo com decreto adrede promulgado pelo Conselho da Revolução que congelava as

rendas em vigor já depois do 25 de Abril do ano findo. Confiaram na impunidade e na complacência das pessoas da sua «vila»...

Como não há água canalizada, muitos dos habitantes, com natural sacrifício, vão buscá-la a um chafariz público, onde, por vezes aguardam 10 e mais minutos — conforme a água que corra — para encher a bilha ou o cântaro. Outros, à falta de sentina ou pia, vão deixar os dejectos numa montureira colectiva que para ali há. E há ainda uma pia colectiva, num outro conjunto de tugúrios, onde se podem formar bichas para o mesmo.

Mas drama arrepiante, que o repórter fixou na sua objectiva, constatamo-lo num outro conjunto de barracas erguidas em pedra gasta, com oito ou nove famílias a viverem em condições degradantes, onde no Inverno a chuva invade, sem respeito, leitos de pessoas que nunca foram crianças. Pessoas tristes roídas pelos sacrifícios de muitos anos.

Rendas que vão de 60 a 100 escudos (há uma, por especial favor, de 20), em barracas com telhas peçadas de ervas daninhas, esburacadas, dia e noite alumiadas por candeeiros. Pessoas que vivem não sei bem de quê nem como, a quem em tempos foi prometido pelo proprietário (Luís Ribeiro), reparar as mesmas ou construir casas ao lado, com outras rendas, claro.

Mas nem isso — com outras rendas — que foi prometido, foi cumprido. E quando, ao lado, se levantaram os primeiros tijolos, não eram para casas, mas para uma garagem da empresa de transportes «Andorinha», que a anterior comissão



— Três metros, uma mulher, a miséria personificada. A gravura documenta todo o drama, que todas as pessoas de Chelas conhecem

de moradores evitou, porque as paredes aluíram e ameaçaram muitas das vidas

do pessoal das barracas de pedra gasta pelo tempo e pelas promessas.

Hoje, aqui e ali, escoradas, as paredes permanecem. Mas não para garagem...

dois tugúrios a ameaçarem (orto) como perigo permanente

Hoje, dos 24 elementos que integravam a referida comissão de moradores, restam dois, que não parecem nada interessados em solucionar as dificuldades mais elementares dos moradores de Chelas. As acusações são infundáveis e a exploração gritante.

Manuel Quaresma Nunes, proprietário, é o que se pode dizer um «negociador» de casas-tugúrio lá no sítio. Um contrato de arrendamento em nosso poder é testemunho eloquente das nossas palavras: em determinado passo dos seus termos, riscou habitação para escrever «arrecadação. Violou o que na matéria está estipulado. O prejudicado é Daniel Torres Souto, cardador e casado, que antes morava em Olivais Sul.

É ainda o Quaresma que este, ano num baldio ali existente e para que os seus «inquilinos» não semeassem nada ou tratassem de uma horta, lançou para ali, onde também há uma fossa que no Verão exala odor pestilento, grãos de milho que depois esbanjou. Para deixar crescer arbustos, para desçoçar quem quer que fosse dos vários moradores, que pagam rendas entre 300 e 800

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — Tel. 57 40 73 — LISBOA

COMUNICADO AOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

Resultados das eleições

Realizaram-se no dia 20 de Setembro de 1975 as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, triênio de 1975-1977.

Dos 8.239 votos entrados nas urnas (representando uma percentagem de 13% de votantes), a lista A recolheu 5006 votos e a lista B 3226, havendo 7 votos nulos.

A lista A «Por um Sindicato Democrático em defesa de todos os trabalhadores» venceu assim as eleições, tomando os seus membros posse na próxima sexta-feira, dia 26, pelas 21 h.

O Presidente da Mesa Eleitoral
Artur Manuel Mendonça Rodrigues

Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos

ALERTA TRABALHADORES DA METALURGIA E METALO-MECÂNICOS DE TODO O PAÍS!

OS PATRÕES QUEREM-NOS ROUBAR!

Os patrões não querem pagar os salários da Portaria já assinados pelo Ministério do Trabalho do V Governo.

Os patrões estão a fazer chantagem sobre o VI Governo para que anule a Portaria.

SÓ A NOSSA RESPOSTA PRONTA E FIRME PODE EVITAR QUE OS PATRÕES CONSIGAM OS SEUS VIS INTENTOS E QUE O CONSELHO DA REVOLUÇÃO E O GOVERNO, ONDE TÊM GRANDES APOIOS, CEDA À CHANTAGEM DO PATRONATO REACCIÓNARIO.

COMPANHEIROS!

4.ª-FEIRA, DIA 24, NINGUÉM TRABALHA DAS 10 ÀS 11 HORAS!

Que ninguém arrede pé dos locais de trabalho! Aproveitemos a hora de paralisação para discutir os problemas que mais nos afectam e para encontrar a resposta da classe operária e do Povo trabalhador às manobras da burguesia exploradora e de toda a reacção fascista!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Estrangeiro

ARGENTINA

Repressão sangrenta na província de Tucuman

«A heróica província de Tucuman é hoje o alvo central da ditadura burguesa, pelos seus esforços operários, camponeses e guerrilheiros em prol da libertação da nossa gente», escreve-nos um amigo do Partido Revolucionário dos Los Trabajadores (P. R. T.) da Argentina, organização política que tem no E. R. P. o seu braço armado. O artigo que a seguir publicamos é da autoria do revolucionário argentino, de quem acima falámos. Se em Portugal temos conhecimento do emagrecimento espectacular de «Isabelita» Peron e desconhecemos por inteiro a sangrenta repressão que as Forças Armadas argentinas exercem sobre o povo heróico de Tucuman, é porque recebemos informações das agências burguesas de Imprensa, para quem, como é evidente, vale mais um quilo de carne de «Isabelita» do que a vida e morte de centenas de trabalhadores. Mas a história são estes que a fazem. As «Isabelitas» sofrem-na. Mais quilo menos quilo pouco adianta para o lixo da história.

A Argentina desconhece quase inteiramente o que se passa na província de Tucuman — perdida no Noroeste do território. Defende-se o mais zelosamente possível a ignorância do povo argentino e da opinião pública internacional. Todas as notícias são canalizadas por intermédio do Comando da V Brigada de Infantaria, à frente da qual se encontra o general Edgardo Vilas. Os jornalistas só por duas vezes tiveram acesso à zona ocupada militarmente, mas esse contacto foi rodeado das maiores restrições e de severas medidas de segurança. Por temor, às vezes, por cumplicidade, outras, as notícias são vagas e não reflectem a realidade repressiva que os «pobladores» da zona vivem. A informação está totalmente monopolizada pela agência oficial de informações, Telam, a qual difunde os factos de tal modo que apenas serve para desinformar e incitar a política das forças contra-revolucionárias. O engenho das massas, através da informação oral e da Imprensa clandestina revolucionária, tende lentamente a con-

trabalhar esta «conspiração do silêncio» a que a Imprensa pró-imperialista submete o heróico povo argentino.

No dia 9 de Fevereiro deste ano, começa para o povo argentino um dos períodos mais sangrentos e infames da sua história. O Governo cripto-fascista de Isabel Peron, conjuntamente com as Forças Armadas, desdobra uma operação militar, que demonstra, pela prática quotidiana, o profundo ódio que têm pelo povo, o desprezo pelas liberdades democráticas e o pouco valor que atribuem às vidas humanas entregues às suas mãos, essas mãos que asseguram a protecção dos grandes e do imperialismo norte-americano.

Nas zonas urbanas, o Exército contra-revolucionário — como lhe chamam o povo e os revolucionários — actua com o apoio da Polícia Provincial e da Polícia Federal. Os métodos desta última são bem conhecidos: ao pé deles a P. I. D. E. empalideceria. Todos os seus actos se caracterizam por uma grande selvajaria e brutalidade. A sua função específica é a de realizar ope-

rações denominadas «rastri-lo», casa por casa e a toda a hora, durante os quais pratica todos os vexames possíveis. A tortura tornou-se quotidiana para os «pobladores», que já não têm a mínima garantia para as suas vidas.

Nas zonas rurais, o Exército contra-revolucionário actua com o apoio da viação e das forças da gendarmaria, cuja História está manchada com o sangue dos movimentos operários, mineiros e camponeses da Argentina.

A operação militar abrange as localidades de Lules, a cidade de Monteros e a Villa de Tafi del Valle, tendo as Forças Armadas estabelecido um cerco de forma triangular. A vida dos «pobladores» compreendidos nesta área é um verdadeiro inferno. Na sua maioria operários, camponeses ou pequenos comerciantes, só lhes resta ficarem submetidos aos sangrentos métodos utilizados pelo Exército Contra-Revolucionário em zonas de «segurança e defesa da paz interna», como afirmam, com o maior cinismo até agora conhecido.

Não se sabe exactamente o número de pessoas detidas. Quando se sabe das detenções, não se conhece qual o destino dos presos. São numerosas as pessoas desaparecidas, e ninguém sabe ao certo a identidade e o número de mortos, todos eles vítimas da actividade repressora e criminosa do Exército opressor. Não se respeitam nem sequer as normas mais elementares do Direito Internacional, aplicado aos prisioneiros de guerra em todo o mundo e reconhecido por todas as nações.

Ante a impossibilidade de enganar o povo de Tucuman através de campanhas demagógicas, instrumentadas pelo Ministério do Bem-Estar Social, e, provado que os camponeses, operários, estudantes e o conjunto da população resis-



A heróica província de Tucuman vai assinalada no mapa por um círculo. Na foto em baixo, soldados do «exército contra-revolucionário» procedem a um «rastilho» na província de Tucuman. A foto data de Fevereiro deste ano e é um dos raros documentos chegados à Imprensa ocidental que testemunham as brutalidades narradas no nosso artigo.

tem ao plano militar, denunciando-o permanentemente, as forças repressivas começam a aplicar de forma sistemática uma política de terror indiscriminado que cada dia faz mais vítimas e cuja brutalidade aumenta cada vez mais.

A Imprensa da social-democracia europeia — salvo raras excepções — encarrega-se de falsear a verdade, pintando um quadro de minorias de esquerda que se batem com minorias de direita, quando a verdade indelmentável é que a agudização da luta de classes na Argentina ultrapassou já a barreira da guerra de classes. Enquanto a repressão ferozmente, as mais vastas massas trabalhadoras e as suas vanguardas revolucionárias começam a ripostar à ditadura da burguesia. A unidade do campo operário a popular aumenta e consolida-se dia a dia. A prática quotidiana de resposta das massas populares destrói os planos de estabilidade burguesa. Todas as ilusões do populismo peronista se desvaneceram nas últimas greves de operários e paralisações de camponeses, que afectaram os grandes centros industriais como a cintura industrial da grande Buenos Aires, Cordoba, Mendoza, Rosario e as zonas rurais de Tucuman, Chaco e Mesopotamia.

A teoria revolucionária não é estranha à luta de classes na Argentina. A fusão do movimento operário com o marxismo está a transformar esta doutrina numa força material, numa arma pontiaguda nas mãos dos proletários e outras classes populares, que, através dum árduo processo, tendo as massas como protagonistas, levará os argentinos a libertarem-se de toda a exploração. A figura lendária do comandante «Che» Guevara ergue-se como um símbolo na luta contra a opressão e a injustiça em todo o continente latino-americano.



DE 6 A 12 DE OUTUBRO

Semana de apoio à Conferência do Desarmamento

Durante a semana de 6 a 12 de Outubro próximo será observada em todo o Mundo a «Semana Internacional de Apoio à Conferência Mundial do Desarmamento». Trata-se de uma iniciativa lançada pela presidência do Conselho Mundial da Paz, na sua reunião de Estocolmo, que decorreu de 31 de Maio a 2 de Junho do ano corrente. Diariamente, chegam informações de todo o Mundo trazendo o apoio aos documentos de Estocolmo contra a corrida às armas, pela redução dos armamentos e pela irreversibilidade do desanuviamento.

Na sua reunião, a presidência do C.M.P. assinalou, entre outras coisas que «a convocação da conferência mundial do desarmamento se converteu numa necessidade histórica» e que, por conseguinte, decidiu apelar para a realização de uma semana internacional de apoio a essa decisiva conferência, semana que coincidirá com o debate sobre o de-

sarmamento da 30.ª sessão da Assembleia-Geral da O.N.U.

No espírito da presidência da C.M.P., a convocação da conferência do desarmamento pode representar para todos os Estados — incluindo os médios e pequenos, que têm um papel cada vez mais importante nas relações internacionais — um «forum», onde poderão expor, em plena igualdade de direitos, os seus pontos de vista sobre toda a complexidade dos problemas do desarmamento e sobre os meios e métodos mais eficazes de os solucionar.

Na carta-apelo que o C.M.P. envia para as entidades competentes, e assinada pelo secretário-geral Romesh Chandra, pode ler-se «A rápida convocação da Conferência Mundial do Desarmamento constitui hoje a medida mais adequada para reforçar e universalizar eficazmente todos os esforços desenvolvidos a favor do desarmamento. A ideia da confe-

rência mundial do desarmamento apresentada pelos países socialistas e não-alinhados, foi, em princípio, aceite pelas Nações Unidas. No entanto, dois Estados, possuidores de um importante potencial militar, os E.U.A. e a China, assumem uma grande responsabilidade com a oposição que até agora têm manifestado à convocação da Conferência e com o boicote que têm praticado em relação aos trabalhos preparatórios da mesma».

Insistindo na convocação da Conferência Mundial do Desarmamento, o secretário-geral da O.N.U., Kurt Waldheim, recordava recentemente que o Mundo gasta a soma gigantesca de 300 mil milhões de dólares por ano em armamentos e que o fim da corrida às armas teria primordial importância para o desenvolvimento socio económico de todos os países.

O êxito da conferência mundial de desarmamento redundaria em benefício de todos os



O Conselho Mundial da Paz dá o seu apoio activo a todas as causas em prol da paz, cooperação e libertação dos povos. Na foto: aspecto da conferência de solidariedade com o povo de Porto Rico recentemente realizada em Havana pelo CMP

Estados, seria vital para todos os países em vias de desenvolvimento, pois ajudaria a instituir uma nova ordem económica internacional e opor-se-ia aos sórdidos interesses das sociedades multinacionais e do complexo militar industrial. As campanhas e acções de

massas que a opinião pública internacional realizar podem e devem ter um papel de primeiro plano na aceleração dos preparativos, na convocação e na realização da conferência mundial do desarmamento. Por isso, e, no dizer do seu secretário-geral, Romesh Chandra,

«o C.M.P. dirige-se a todos aqueles que se pronunciam pela paz, a todas as organizações de massas, convidando-os a apresentar a exigência da conferência mundial do desarmamento aos seus respectivos governos, recomendar aos Estados e aos governos medidas ou iniciativas capazes de contribuir para a convocação e êxito da conferência, recolher mensagens e realizar diligências junto de parlamentos e partidos políticos, telegrafar às Nações Unidas e à Imprensa pedindo a convocação da conferência, o mais depressa possível».

Nesta segunda metade da década da O.N.U., para o desarmamento, a tarefa primordial de todos os movimentos da paz no Mundo inteiro deve ser a de assegurar que este decénio seja o das medidas decisivas a favor do desarmamento e da realização dos progressos efectivos para a eliminação do perigo da guerra.

Estrangeiro

Segundo atentado contra Ford em menos de vinte dias

SÃO FRANCISCO (Califórnia), 23 (ANI) — Pela segunda vez em menos de vinte dias, o presidente Gerald Ford foi ontem alvo de um atentado contra a sua vida, na Califórnia.

A única bala disparada não o atingiu.

Foi uma mulher que disparou o tiro contra o presidente norte-americano, quando este abandonava um hotel e os agentes dos Serviços Secretos empurraram Ford para dentro do carro que o aguardava.

Um polícia de San Francisco revelou que os Serviços Secretos tinham detido Sarah Moore, de 40 anos.

«Ela encontrava-se a 11 ou 12 metros do presidente» — afirmou. «Empunhava uma pistola de calibre 38 e disparou uma vez».

O capitão William Conroy, da Polícia de San Francisco, afirmou que os Serviços Secretos tinham procurado a mulher em causa no domingo à noite, pois ela estava na lista das potenciais ameaças à vida do presidente.

Sarah era conhecida como activista e estivera envolvida na distribuição maciça de alimentos, organizada no ano passado num esforço para libertar Patricia Hearst.

MOTORISTA ATINGIDO

A mulher, cujo nome completo é Sarah Jean Moore, sem morada conhecida, foi transportada para o hotel. A Polícia postou-se à porta do quarto onde ela foi encerrada.

Há 17 dias, na cidade vizinha de Sacramento, um membro da «família» Manson, Alice Fromme, apontou uma pistola a Ford mas não conseguiu disparar graças à rápida acção de um agente de segurança.

Segundo informações fornecidas pela Polícia, a bala disparada por Sarah Moore contra o presidente atingiu um homem, que foi identificado como John Ludawig, de 41 anos, mo-

torista de táxi em San Francisco. A vítima recebeu tratamento num hospital local, tendo regressado a casa.

A Polícia indicou também que um espectador mais atento, o ex-fuzileiro naval Oliver Sipple, viu a mulher apontar a arma na direcção do presidente e deu-lhe uma pancada no braço no momento do disparo.

Sarah Moore, que até há um ano afirmava ser informadora do F. B. I., foi umas das primeiras pessoas a apresentar-se como voluntária para colaborar na distribuição de alimentos com que os pais de Patricia Hearst tentaram resgatá-la da posse do Exército Simbiótico de Libertação.

Conhecida também como Sarah Jane Aalberg, tem um filho de 9 anos e escrevia artigos para o jornal clandestino «Berkeley Barb».

Foi estabelecida para Sarah Moore a fiança de um milhão



Sarah Moore, que foi presa em San Francisco sob a acusação de tentar matar o presidente dos Estados Unidos. (Telefoto UPI-Telimprensa)

de dólares, sob a acusação de tentativa de assassinio do presidente.

Entretanto, o procurador James Browning informou que pedirá que ela seja submetida a exame psiquiátrico.

VOZ EMBARGADA PELA COMOÇÃO

WASHINGTON, 23 (ANI/R)

O presidente Gerald Ford jurou que não se acobardará perante anarquistas e assassinos, ao regressar de San Francisco, onde escapou de um novo atentado contra a sua vida.

Ford declarou a jornalistas, falando com a voz embargada pela emoção, após uma viagem de avião de cinco horas desde a costa ocidental:

«Não creio que qualquer pessoa que seja presidente deva amedrontar-se perante um número limitado de pessoas que pretendem fazer justiça por suas próprias mãos.

«Sob nenhuma circunstância capitularei perante aqueles que querem acabar com o que é bom nos Estados Unidos. Vamos enfrentar com firmeza essa confrontação.»

Ford tem prometido, repetidas vezes, que a sua presidência estará aberta a todos e que não deixaria de conversar com os seus compatriotas durante campanhas políticas.

COLETE À PROVA DE BALAS

Contudo, após o atentado de ontem, quando terminava um fim-de-semana de campanha eleitoral na Califórnia, havia a opinião crescente em Washington de que o presidente seria pressionado por agentes dos serviços de segurança, muito preocupados, para deixar de misturar-se com a multidão para apertar a mão a várias pessoas.

A única concessão feita, até agora, por Ford aos pedidos dos Serviços Secretos para ser mais prudente foi a de se sujeitar a usar um colete à prova

de bala.

Após ficar abalado a seguir ao primeiro atentado contra a sua vida em Sacramento, no princípio do mês, o presidente declarou: «Na minha opinião, é vitalmente importante para um presidente encontrar-se com o povo norte-americano. Penso que é vital e tenciono continuar a fazê-lo».

PROVÁVEL EFEITO DOS ATENTADOS

Aumenta, entretanto, a especulação sobre o efeito que os atentados e a revelação de se ter visto um homem, com uma arma de fogo, num estádio de St. Louis, há dez dias, uma hora antes de Ford dever discursar no recinto, terão na campanha eleitoral para a presidência de 1976.

A ameaça de violência poderia obrigar não apenas Ford, mas outros candidatos potenciais a deixarem de aparecer constantemente em público e, principalmente, de se misturarem com multidões.

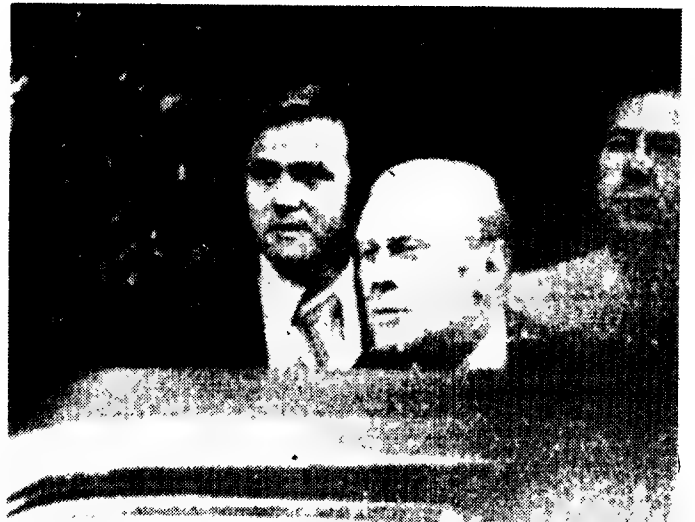
Observadores políticos são de opinião que os dois atentados contra a vida de Ford afastaram todas as possibilidades do senador Edward Kennedy, cujos dois irmãos foram assassinados, reconsiderar a sua decisão de não procurar obter a nomeação presidencial democrática.

NELSON ROCKEFELLER CONGRATULA-SE

O vice-presidente dos Estados Unidos Nelson Rockefeller, congratulou-se com o facto de o presidente ter escapado ileso do atentado de que foi alvo em San Francisco.

«Os dirigentes políticos» — disse — «têm de enfrentar riscos para servir o país e Ford é um homem muito forte e corajoso e está a servir a sua pátria».

O senador republicano Henry Bellmon, afirmou por seu lado que o Congresso poderá ordenar um inquérito à segurança presidencial.



O presidente Gerald Ford escondendo-se aparentemente atrás do seu carro após o disparo de um tiro que não o atingiu. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Luta pela democracia no Brasil

BRASÍLIA, 23 — (A.N.I.) — «O Movimento Democrático Brasileiro é uma frente de coragem onde se entrincheiram homens e mulheres que lutam pela democracia no Brasil» — afirmou o deputado Ulysses Guimarães reeleito presidente do único partido legal da oposição o Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.).

«Ontem, éramos uma reduzida falange de cidadãos determinados e intemorados que o poder ignorava; subestima-

va e marginalizava» — prosseguindo o deputado «Hoje, caldeados na pugna e retemperados nas provocações e nas vitórias, somos o exército do povo». O presidente reeleito do M.D.B. que defende a conquista legal e pacífica do Poder manifestou ainda a sua «profunda preocupação com a progressiva deterioração das condições de vida do povo brasileiro, que assiste à constante ampliação da área da subnutrição e da miséria, com salários de fome.»

SINDICATO DA MESTRANÇA E MARINHAGEM DE CÂMARAS DA MARINHA MERCANTE

Antigo Sindicato Nacional dos Empregados de Câmara da Marinha Mercante CONVOCAÇÃO

2.º AVISO

São convocados todos os membros do Sindicato que se encontrem no pleno gozo dos seus direitos sindicais a reunir em Assembleia Geral Ordinária para, nos termos da Lei das Associações Sindicais e dos Estatutos do Sindicato, se proceder à

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÊNIO DE 1975/1977

Os Corpos Gerentes são constituídos por três órgãos e 15 membros assim distribuídos:

Assembleia Geral — três membros
Conselho Fiscal — três membros
Direcção — nove membros

Em virtude de não ter entrado qualquer outra lista de candidaturas, a votação incide sobre lista única.

A Assembleia de voto funcionará em Lisboa nos dias 26, 27, 28 e 29 do corrente a partir das 18 horas, nos seguintes locais:

Dia 26, no Sindicato dos Marinheiros Mercantes, Calçada de Salvador Correia de Sá, n.º 42; dias 27, 28 e 29 do corrente, na Sede do Sindicato no Largo do Conde Barão, n.º 27-2.º.

E permitido votar por correspondência nos termos já divulgados aos sócios.

Cada sócio deve ser portador do seu cartão.
Não é permitido o voto por procuração.

Lisboa, 23 de Setembro de 1975.

PELA ASSEMBLEIA ELEITORAL
a) Tiago dos Santos Gouveia

Expulsa de Espanha uma delegação chefiada por Yves Montand

MADRID, 23 — (R.) Uma delegação francesa, chefiada pelo astro cinematográfico Yves Montand, foi expulsa ontem, à noite, de Espanha, após agentes armados da Polícia interromperem uma conferência de imprensa que aquela representação tentou conceder em Madrid para protestar contra as condenações à morte proferidas contra 11 guerrilheiros urbanos.

O Governo espanhol, claramente perturbado pelo aumento das críticas no país e no estrangeiro contra a sua campanha antiterrorista, agiu rapidamente para impedir a realização da conferência de imprensa.

Yves Montand, Régis Debray, um escritor francês da esquerda, o director cinematográfico Costa Gravas, o conhecido jornalista francês Jean Lacouture e três outros membros da delegação foram levados ra-

pidamente de automóvel até ao aeroporto de Barajas e embarcados num avião com destino a Paris.

Agentes da Polícia, armados com metralhadoras ligeiras, detiveram também, durante mais de uma hora, jornalistas espanhóis e estrangeiros que compareceram para assistir à conferência de imprensa, conservando-os algemados.

Ontem, os advogados dos 11 condenados afirmaram recuar que nove deles, incluindo duas mulheres grávidas, seriam executados no sábado.

A Polícia espanhola afirmou a noite passada que a delegação francesa tinha efectuado uma reunião não autorizada e Yves Montand «tinha insultado a justiça espanhola».

Uma nota de protesto, assinada, entre outros, pelos escritores André Malraux, Jean-Paul Sartre e o antigo presidente do conselho francês

Pierre Mendes-France, de que a delegação foi portadora, acusava as autoridades espanholas de não concederem aos 11 condenados um julgamento imparcial.

«Pedimos que os direitos fundamentais de justiça sejam respeitados em relação ao povo de Espanha, assim como a outros» — dizia a nota.

Após a intervenção da apólicia, Yves Montand declarou: «Viemos a Madrid apenas para pedir justiça».

Debray acrescentou: «O que é mais grave é a possível execução dos 11 condenados presos, cujos julgamentos foram uma farsa».

As autoridades militares liberarão na sexta-feira sobre os recursos interpostos pelos três condenados membros da Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica (F.R.A.P.).

Mais seis guerrilheiros, incluindo as duas mulheres,

aguardam a decisão de comandantes militares que os poderão enviar para a morte no sábado ou pouco depois. Foram condenados nos termos das medidas de emergência estabelecidas pelo decreto governamental contra o terrorismo e não podem recorrer das sentenças.

Fontes bem informadas disseram ontem que o Governo poderia sancionar as penas de morte contra todos os condenados ou alguns dos 11 na sessão que efectua na sexta-feira. Depois, apenas o chefe de Estado, generalíssimo Francisco Franco, poderia perdoar os condenados e suspender as execuções.

Tanto ao Governo como ao generalíssimo Franco têm sido feitos apelos vindos do país e do estrangeiro para poupar as vidas aos 11 condenados. Entre esses pedidos de clemência acha-se um do Papa Paulo VI.

Espectáculos

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ (6)

REPRESENTAÇÃO SUIÇA: EM QUANTIDADE, MAS...

Por LAURO ANTÓNIO

O cinema suíço possui já uma tradição neste Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz.

Na sua terceira edição (1974), um filme suíço (*Esta Noite ou Nunca*, de Daniel Schmidt) alcançaria o primeiro prémio do certame e o "prémio especial do júri" seria igualmente atribuído ao conjunto da representação suíça, de expressão alemã.

Nesta edição de 1975 os suíços estiveram presentes em força com cinco títulos, dois de expressão francesa (*Mau Comportamento*, de Simon Edelstein e *O Centro do Mundo*, de Allain Tanner) e três de expressão alemã (*Confrontação*, de Rolf Lyssy, *A Exatidão*, de Peter Von Gunten e *Risco de Evasão*, de Markus Imhoof). De qualquer forma, e apesar dos números, uma representação relativamente decepcionante, dado que o inconformismo dos suíços parece ceder perante um rigoroso plástico que é já uma certa forma de academismo, aqui e ali intercedido por um sopro de originalidade, de inovação, de nervosismo, mas que por aí se fica.

Mau Comportamento (Les Vilaines Manières), de Simon Edelstein (1973), com Jean-Luc Bideau, Francine Racette, Claire Dominique, etc.

Este terá sido o filme mais importante que a Suíça enviou à Figueira da Foz, e possivelmente aquele que melhor se colocará numa linha que mais facilmente se identifica com a ideia que criámos do cinema suíço de Tanner, Goretti ou Souter.

Um produtor da rádio suíça de expressão francesa, responsável por um programa semanal, estilo consultório sentimental, mas mais sofisticado, pretensamente intelectual e humanista, envolve-se numa aventura com uma desconhecida irreverente e agreste, personagens centrais deste mau comportamento que se erige em título-símbolo. A desconhecida irá assumir o papel transgressor da personalidade do animador radiofónico, enquanto Marie, a sua última entrevistada, lhe recorda o papel de moderador de desejos que o seu programa representa socialmente. Tentando precisar melhor: ao longo da obra, o responsável pelo consultório sentimental irá oscilar entre o lado paternalista do conselheiro (via prosseguida pelos contactos renovados com Marie) e o lado inconformista e transgressor de Jeanne. A certa altura, o conflito entre Jeanne e Marie virá ao de cima (a jovem de vilainas manières) demonstra ao produtor radiofónico a hipocrisia do seu trabalho e, simultaneamente, mostra a Marie a mentira que esta aceita como laudam para a banalidade da sua vida), mas tudo terminará pelo regresso à ordem estabelecida, final algo pessimista, mas lúcido de um moralista desencantado.

Simon Edelstein dirige o seu primeiro filme de fundo, com trinta e dois anos de idade e muita prática como operador de Michel Souter (o autor de *Os Donos da Terra*, *Les Arpentiers*), não há muito tempo apresentado no ciclo da Casa da Imprensa). **Mau Comportamento** não está isento de características que nos recordem a formação de Edelstein (a fotografia é, aliás, admirável, de um preto e branco riquíssimo, com planos de contra-luz sufocante, e um aproveitamento plástico da imagem involuntário), mas, globalmente, reflete uma maturidade de escrita indemonstrável e um humor discreto, mas fulgurante. Aliás Edelstein obriga as suas personagens a percorrer um caminho de grande sobriedade e rigor, as situações desenvolvem-se com subtilidade, o humor insinua-se com inteligência. Duas sequências merecem, por exemplo, e neste caso, referência especial a ida do protagonista a casa de uns vizinhos que o tomam por argentino: a chegada do filho do dono de uma casa de campo, ocupada pelo produtor radiofónico e sua companheira de mau comportamento.

Um filme portanto a não perder, e que se encontra desde já comprado para território nacional.

O Centro do Mundo (Le Milieu du Monde), de Allain Tanner (1974); argumento de Allain Tanner e John Berger; com Olympia Carlisi, Philippe Léotard, Juliet Berto, Jacques Denys.

Allain Tanner (*O Último a Rir*, *A Salamandra* ou *Regresso de África*) é bastante conhecido do público português. O seu último filme encontra-se igualmente comprado para estreia futura em ecrãs nacionais, mas, se bem que ele seja uma obra importante, representa uma certa decepção no conjunto da sua filmografia. Em troca de um rigor estilístico cada vez mais evidente, de uma depuração óbvia (houve quem falasse, a propósito de *O Centro do Mundo*, em Bresson, e com alguma razão), Tanner parece per-

interior de uma vivenda de campo desabitada (onde se refugiara do mau tempo) e é depois acusado de um roubo que não cometera. Preso durante algum tempo, foge alguns dias antes de cumprida integralmente a pena, e irá fazer explodir a estação de caminhos-de-ferro por cujo roubo fora incriminado. A imoralidade desta história é óbvia. O maior interesse do filme está talvez na descrição pormenorizada do ambiente celular, numa prisão aliás modelar de tratamento, mas que, apesar de tudo, pode incorrer em erros de justiça. O que, se por um lado confere ao filme uma característica curiosa, por outro reduz a obra a constatação de um caso pessoal, de reduções ressonâncias.

Também Imhoof se diz leitor de

uma esquadra contra o crime, nos seus trabalhos. Durante este período, anotava as minhas observações e pedaços de diálogo em bocadinhos de papel. Assim, desempenhando o papel de um tranquilo observador, consegui fazer uma espécie de documentário acerca do mundo, que mais tarde gostaria de produzir no meu filme (...).

Assim, a produção do filme não foi tanto construir uma realidade, como reconstruir a realidade por mim vista. Ora como se eu continuasse a desempenhar o papel de observador e de produtor de filmes documentários — mas com a diferença de ter sido eu próprio a construir a realidade, sinteticamente, da maneira mais construtiva e compreensível: nunca tê-lo-ia consegui-



der agressividade e poder crítico, trocando-o por um certo sereno desespero.

O Centro do Mundo assenta sobre uma curta anedota: um filho de camponeses, agora engenheiro, aceita candidatar-se a deputado pela sua região, por um partido de direita, tecnocrata e reformista, mas os seus amores Adriana, uma empregada de café, acabam por fazê-lo perder as eleições, a mulher e, finalmente, a própria Adriana (que parte para a Alemanha, para junto de uma irmã). **O Centro do Mundo** é, pois, o retrato (em quadros cronologicamente compartimentados) de uma sociedade, dado através das relações de Paul e Adriana, e destes com as personagens secundárias. Mas o centro do mundo é também a parábola sobre essa pequena cidade suíça onde as águas da nascente de um rio se dividem para o Mediterrâneo e para o Mar do Norte: onde o filho do camponês aceita a candidatura por um partido plutocrata, de direita; onde o conluio das classes é uma realidade.

Primeiro filme colorido de Tanner, **O Centro do Mundo** é frio como o Inverno e as neves que enquadra, rigoroso como as paisagens horizontais que escolhe, hirt como a estratificada sociedade suíça. A este cinema dir-se-ia que falta um sopro de irreverência, de agressividade, de vida. Será que Tanner nos quer dizer que é precisamente isso que falta à Suíça actual?

Risco de Evasão (Fluchtgefahr), de Markus Imhoof (1973); argumento de Markus Imhoof; com Wolfram Berger, Mathias Habich, Sigfrid Steiner, etc.

Contado com segurança, **Risco de Evasão** é a primeira longa metragem de um novo recém chegado ao cinema suíço, Markus Imhoof. Nada de muito novo, contudo, nos oferece **Fluchtgefahr**. No ambiente prisional, Imhoof opta por um tom documentalista, para demonstrar como a incompreensão de certos aspectos da desadaptação social, em lugar de reintegrarem um indivíduo na sociedade, podem conduzir precisamente ao inverso. Com **Risco de Evasão** fala-se de um jovem que é um dia apanhado no

Brecht. Justificando a sua obra e o "hiper-realismo" da sua pesquisa, escreveria:

"O essencial vem à superfície através da acumulação do desnecessário."

Esta minha afirmação é o resultado experimental de um esquema de realismo nas filmagens, no qual comeciei a trabalhar há perto de seis anos. O meu trabalho de pesquisa, a dramaturgia do argumento, a produção, o trabalho das câmaras e finalmente as emendas de **Risco de Evasão**, foi tudo baseado neste esquema.

Nos meus primeiros filmes que, felizmente, são desconhecidos, tentei retratar o essencial da forma mais directa. Mas logo comeciei a aceitar que aquilo com que lidava em frente às câmaras parecia ser aparência exterior. Por isso tentei encontrar aparências típicas que fossem o reflexo parcial do essencial. Acredito que na formação destes pormenores, a estrutura do essencial pode ser imitada sem haver desvios da realidade superficial, em outras palavras, sem perder a qualidade da percepção sensual.

É certo que tenho de ter consciência dos meus preconceitos, da minha perspectiva pessoal, com os quais estes pormenores podem estar relacionados. Em **Risco de Evasão** quero demonstrar como tanto num julgamento como numa sentença, a acção legal baseada em lei criminal, pode transformar gente insignificante em criminosos por causa do descuido em se encontrar as verdadeiras causas do seu fracasso. Como consequência o culpado adopta uma atitude de defesa e é empurrado para um contramundo.

Teria hesitado em exprimir isto tão ruidosamente ao filme. Tenho de provar a minha acusação: tenho de a pôr em cena perante os nossos próprios olhos. E por isso que necessito de provas, de pormenores, de uma colecção do aparentemente desnecessário.

Não poderia ter obtido este material sem esforço, sentado à minha secretária. Trabalhei durante dois meses como director de um presídio e à tarde visitava os prisioneiros nas suas celas. Mais tarde, durante uns tempos, acompanhei

do fazer se tivesse produzido meramente um relatório documental. No princípio, até tinha intenção de excluir o operador de câmara da cena de acção e de o fazer aparecer só quando tudo estivesse pronto para entrar em acção. Mas depressa me apercebi que se o fizesse, podia perder demasiadas possibilidades. O mais importante era fazer com que tudo o que estava a acontecer aparentasse estar a acontecer acidental e casualmente. Por isso utilizamos videotape, na qual discutimos as cenas em pormenor. Posteriormente, reencontramos a espontaneidade obtida utilizando o videotape com a câmara cinematográfica que quase sempre foi manejada com mobilidade. Desta forma, foi possível estabelecer um contacto mais directo com o público. Isto também obrigou os actores a não representar mas antes a tornar a sua conversa e os seus movimentos muito casuais. Uma representação demasiado expressiva da parte deles destruiria a autenticidade e levaria o público a dissociar-se do enredo do filme e a considerá-lo como ficção. Apesar do traumatismo dos filmes suíços falados em dialecto, produzir **Escape Risk** em dialecto suíço era uma consequência natural da minha ideia sobre realismo.

Quase dois terços do diálogo é composto de pedaços que recolhi da gente com quem contactei durante a minha pesquisa. Os actores nunca tiveram a hipótese de improvisar embora tivessem que apresentar que estavam a fazê-lo. Perto de metade das cenas até foi pós-sincronizada no estúdio.

Para alcançar o objectivo da trivialidade normal, aparentemente banal e imaterial, mas sensual é necessário um grande esforço de síntese (sintetizar). Esta trivialidade é prova real e digna de crédito em defesa da minha acusação. Tentei alcançar uma espécie de hiper-realidade, mais facilmente perceptível do que a própria realidade. **Realismo é demonstrar como as coisas realmente são e não como são as coisas reais** disse Brecht. Em outras palavras, é revelar o essencial, extraindo-o da acumulação do desnecessário.

A MÚSICA E A LUTA IDEOLÓGICA (2) A CANÇÃO DE PROTESTO

Com a explosão revolucionária do 25 de Abril, verificou-se um grande impulso no campo da canção-panfletário ou canção de protesto, dirigida à imediata intervenção política através dos «mass média» radiofónicos.

A monotonia pouco imaginativa e um tanto derrotista da «balada», dentro da pobreza das ideias ou dos meios musicais, sucedeu-se uma vaga diferenciada de novas canções, mais adequadas na letra e no veículo sonoro ao exercício de uma função revolucionária, José Afonso, o autor que, no género, até então alcançara a síntese mais perfeita entre texto e música (evitando que esta resvalasse para o mais baixo gosto comercial), continuou na vanguarda do momento. A partir de então, porém, a busca de uma maior dignificação de processos e a capacidade criativa de dar uma resposta, sobre a hora do acontecimento, tem-se generalizado. Sérgio Godinho, José Mário Branco, Carlos Moniz e Maria do Amparo, Pedro Osório, Fernando Tordo, e outros desenvolveram largamente as suas produções, criando um repertório variado, de qualidade relativa, em geral muito superior à daquele que realizaram durante a resistência antifascista. Adriano Correia de Oliveira e José Jorge Letria não inovaram quanto aos métodos, mas continuaram a afirmar-se. Quanto a Luís Cília, que viveu muitos anos exilado em Paris, a sua maior contribuição foi o «Avante, camarada!», canção do tempo da clandestinidade que corre o País na voz de Luisa Basto (ela própria também, largos anos, militante clandestina) e se transformou num símbolo de combate. A outro nível, é justo referir ainda o valor da intervenção de Carlos Paredes, que pôs inteiramente a sua guitarra portuguesa, o virtuosismo da sua técnica de executante e o seu estilo tão característico de compositor — de compositor a sério, fique bem entendido — ao serviço de uma acção revolucionária (e desde muito antes do 25 de Abril).

Vem a propósito lembrar que a moderna canção política começou em Portugal com Fernando Lopes Graça. Data da década de quarenta (mais precisamen-

te de 1944-45) a primeira colectânea de **Marchas, Danças e Canções** — «próprias para grupos vocais ou instrumentais populares» —, que teve a colaboração literária de escritores e poetas antifascistas como João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Edmundo Bettencourt, Arminio Rodrigues, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, Arquimedes da Silva Santos, Joaquim Namorado e J. Ferreira Monte. Publicada em livro pela «Seara Nova», e logo apreendida e interdita, não tinha esta colectânea um desstino radiofónico — nem podia tê-lo, dado o seu carácter subversivo — mas cumpriu largamente a sua missão, nas grandes jornadas políticas da resistência antifascista, nas reuniões e convívios semiclandestinos realizados pelo País fora em meios operários, rurais e estudantis, enfim nas próprias masmorras da PIDE. O fluxo criador de Lopes-Graça no domínio da canção política não ficou por aí: novas peças se foram sucedendo, às dezenas, sobre textos desses e doutros escritores (Mário Cesariny, Afonso Duarte, Antunes da Silva, Papiniano Carlos, Fíama Hasse Pais Brandão, etc.). Mas, só decorridos trinta anos, aquelas primeiras canções — a **Ronda**, a **Jornada**, o **Canto de Esperança**, o **Combate**, a **Mãe Pobre**, etc. — emergiram da clandestinidade e seriam publicamente saudadas pelas massas populares: aconteceu isso na memorável noite de 25 de Maio de 1974, que representou, por assim dizer, a consagração revolucionária de um artista-criador e de um coro desde sempre identificados, na vida e na arte, com a luta histórica do Povo Português pela sua libertação, e que, a essa luta dedicaram o melhor das suas energias. Nova fornada de canções políticas, ainda inéditas, acaba de sair das mãos de Lopes-Graça, o que comprova que o autor do **Canto de Amor e de Morte** continua a não abdicar da intervenção panfletária através da música. Digo panfletária para a individualizar relativamente ao conjunto da sua obra, cujas implicações artísticas (e, portanto, também políticas, num plano de ordem superior) têm outra substância.

Morreu Vincent Lopez pioneiro de orquestras ligeiras

MIAMI (FLORIDA) (ANI) — Faleceu com 80 anos numa clínica de Miami, o pioneiro de grandes orquestras de música ligeira dos Estados Unidos, Vincent Lopez.

De ascendência portuguesa, Lopez dirigiu durante 57 anos diversas orquestras em que actuaram alguns dos nomes mais famosos da música ligeira norte-americana, como Tommy Dorsey e Xavier Cugat.

Lopez, o primeiro chefe de orquestra a fazer emissões radiofónicas públicas, nos anos 20, fora vítima, há quatro semanas, de um ataque cardíaco. Segundo os médicos, males do

figado e do pâncreas estiveram contido na origem da sua morte.

Nascido em Brooklyn, em 1895, Vincent Lopez iniciou a sua carreira nos «night-clubs» de Nova Iorque aos 23 anos. Foi seu pai, antigo regente de uma banda naval quem o lançou na música, ensinando-lhe o piano, instrumento em que viria a distinguir-se como bom executante.

Embora tendo sofrido um ataque cardíaco em 1966 que o deixou parcialmente paralisado, Lopez continuou a chefiar orquestras em Nova Iorque e Miami até Maio deste ano.

Televisão

MARIO CASTRIM

CANAL DA CRÍTICA

TEATRO, E NEM SÓ

em maior ou menor grau, um esforço para aceder a ela. Esse esforço é a participação na construção da arte por parte de quem a frui. Apenas a poucos eleitos será dado compreender ao primeiro lance: para a grande maioria, para o geral dos mortais, a música, a poesia, a pintura, etc., só frequentando-as muito se compreendem bem — e se amam melhor.

A excepção e a regra é, na sua vivência imediata, uma das peças mais fáceis de Brecht. Simples como um golpe de matemática; despojado e directo como uma fórmula química.

Ao contrário, porém, de outras obras de Brecht mais populares (*o círculo de giz caucasiano*, *A Alma Boa de Se-Chuão*, *A Ópera de Três Vinténs*, *se lá*) *A Excepção e a Regra* não tem o jogo, o espectáculo, a vida multiforme. É uma lição. Uma demonstração. O espectáculo, sendo todo de inteli-

gência, corre como um rio subterrâneo. A dificuldade, como lucidamente apontou Correia da Fonseca, não está em compreender está em gostar. Por falta de hábito. Porque uma televisão medíocre, durante 18 anos, habituou a audiência a outro género de comidas em que a viciação das emoções e as rasteiras à inteligência eram a regra — e as excepções bem poucas...

Posto isto, a reunião falhou no segundo ponto da agenda: qual o teatro que convém ao momento histórico que vivemos. Poderia fazer ela outra coisa, se não falhar? A resposta a esta questão terá de ser encontrada dentro de cada um de nós, enquadrado na dinâmica vertiginosa em que está lançado. Se tivermos tempo, claro. Para escrever teatro. Para ver teatro. São hoje tão urgentes as tarefas do dia-a-dia no *self-service* da História, que mesmo estas discussões sobre

teatro assumem o gosto quase amargo de uma comida quase arrependida...

De qualquer modo, João Lourenço, não. A opinião de fechar o teatro de televisão para obras, parece-me desastrosa no seu nihilismo imediato, atitude que nem me parece coerente com o seu bom-senso e a sua viva vigilância crítica. Porque, se fechamos o teleteatro, não fechamos toda a televisão? E se fecharmos para obras a televisão, porquê não fechamos para obras todo o País?

O problema não está aí. O problema está em fazer o melhor possível com o melhor que temos. Como? Não serei eu a responder, mas a Revolução.

Quando houver Revolução, está claro. Até lá, que se faça o impossível como possível. Nem que não seja ao menos para manter a esperança — na possibilidade.

Hoje



I PROGRAMA

- 18.30 Abertura e Formação de Professores
19.00 Telejornal — 1.ª edição
19.05 Teatro Inglês
19.25 «Regador Mágico» — 6.º episódio
19.55 Artes e Ofícios
20.30 Telejornal — 2.ª edição
21.05 A Gente Que Nós Somos
22.00 «O Capitão Kloss»
23.00 Telejornal — 3.ª edição
23.50 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e a série filmada «O Regador Mágico»
21.30 Telejornal
22.00 Teatro — «A Armadilha» — de Alfonso Sastre
23.50 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Capitão Kloss» (22.00)

II PROGRAMA

Teatro — «A Armadilha» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Abertura e Nados E Criados Desiguais; 19.30: Telejornal — 1.ª EDIÇÃO; 19.35: «Os Robinsons Suíços» — série filmada; 20.00: Escrever é Lutar — Nelson de Matos entrevista o escritor Melo e Castro; 20.15: Vamos Jogar no Totobola — prognósticos para o 4.º Concurso da época; 20.30: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; 21.00: «Lucien Leuwen» — série filmada — 1.º episódio — 3.ª parte — com Bruno Garcia, Nicole Jamet, Antonella Lualdi, Jean Martinelli, Jacques Monod e Mary Marquet. Realização de Claude Autant-Lara; 21.30: Temas e Problemas; 22.15: Programa Musical; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e a série filmada «Os Robinsons Suíços»; 21.20: Telejornal — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa; 21.55: Concerto — Trio para piano, op. 1 n.º 3, de Beethoven; 22.25: «O Sinal do Dragão» («Kung-Fu») — um episódio com David Carradine; 23.20: Fecho.

AMEAÇA RUIR UM DOS PILARES DA VIDA NOCTURNA DE PARIS

PARIS (R) — O Casino de Paris, um dos três pilares da vida nocturna parisiense, corre o risco de ser forçado a fechar as suas portas no fim do ano devido ao grande aumento dos encargos.

A subida dos preços levou Roland Petit, director do Teatro, antigo bailarino clássico e coreógrafo de renome mundial, a lançar um ultimato — ou lhe dão auxílio financeiro ou o espectáculo cessará em 4 de Janeiro do próximo ano.

Petit declara que poderia continuar por mais dois ou três anos ainda, mas o fim seria o mesmo — a falência e uma ordem de confiscação.

Os problemas que o Casino de Paris enfrenta exemplificam a crise que todos os teatros particulares de Paris atravessam neste momento.

Com o Moulin Rouge e as Folies Bergères, o Casino de Paris tem sido o centro da vida nocturna parisiense desde a Primeira Guerra Mundial.

Ao longo dos anos, milhões de turistas, na maioria estrangeiros, afluíram ao pequeno teatro situado na orla de Montmartre para admirar as suas coreografias, os cómicos e os cantores, o opulento guarda-roupa e os luxuosos «decors», e a célebre escadaria, elemento

obrigatório de todos os espectáculos do Casino.

Grandes vedetas internacionais, desde Josephine Baker até à bailarina Zizi Jeanmaire, mulher de Roland Petit, desceram a imponente escadaria na apoteose final, o que ainda hoje é considerado uma das provas mais difíceis para uma estrela de «music-hall».

«Descei-a bem?» — a pergunta feita por uma das primeiras vedetas do Casino, Cecile Sorel, ao chegar ao último degrau, passou à história do «music-hall».

A partir de 1970, o total dos salários subiu para mais do triplo apesar da redução de quarenta por cento no pessoal. As despesas de segurança social aumentaram para o dobro e a presença obrigatória de bombeiros todas as noites custa agora quatro vezes mais do que anteriormente.

No entanto, durante o mesmo período o preço dos lugares sofreu um aumento de 15 por cento apenas.

«Matematicamente, se esta situação continuasse, dentro de pouco tempo seríamos obrigados a trabalhar com um reduzido punhado de artistas e a elevar o preço dos lugares de tal maneira que a bancarrota seria a única consequência lógica» — declara Roland Petit.

COMPREENDER E GOSTAR

Pois pelo tal inquérito (limitadíssimo, como se afirmou) veio a saber-se que, em Santa-rém, em cada 5 pessoas, uma não entendera o recado de Brecht. O facto pode parecer lisongeiro, se considerarmos a complexidade desse recado; pode parecer lamentável, se considerarmos o recado por banda da sua real simplicidade.

Os fenómenos do entender e do gostar claro que não podem separar-se. Camões: quem não entender a arte, não a estima. Toda a arte exige,

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
1.ª 3.ª 5.ª (AR REFREGERADO)
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo à tarde, às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA



Poema: Eduardo Dantas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música: João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Páez
MILÚ * CARLOS COELHO *
AIDA BAPTISTA * OCTAVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atração na 1.ª noite
HELENA TAVARES
no «compere» CARLOS MIGUEL

O Internacional
VIB BALLETS
18 esculturas
bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

CENTRO DE PRODUÇÃO
Teatro
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
Desc. às 2.ª Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

ADOQUE (AO MARTIM MONIZ)
grupo de teatro Telefone 87 42 80

HOJE, AS 20.30 e 22.30

ACIADOS CARDEAIS

A revista que DANTAS não era possível!

DOMINGO: MATINÉE, ÀS 16 H
NOITE, ÀS 20.30 e 22.30 H
QUARTA-FEIRA: DESCANSO DA COMPANHIA

UMA BARRIGADA DE RISO!!!
(NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS)

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA
COM RÁDIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

"LEÕES" EM MALTA PARA A UEFA SPORTING À PROCURA DO TESOURO

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

MALTA, 23 — O Sporting, que já venceu uma edição da «Taça das Taças» mas nos demais cotegos futebolísticos uefeiros não tem sido afortunado, encara esta barreira do Silema Wandrers com um misto de cuidado extremo (por parte dos responsáveis e alguns jogadores) contra o demasiado optimismo patente nas palavras e nos semblantes de outros actores fundamentais no espectáculo. Não valerá a pena colocá-los nos limites dos blocos a que pertencem, mas sempre será de exibir, ante uns e outros, alguns dados sobre este «team» maltês que surge no percurso verde para um troféu que dá bastante prestígio e proporciona larga colheita de fundos.

Digamos, primeiro, que Malta (onde estivéramos já, em Junho de 1958, no regresso da Índia) é uma ilha de acanhada terra, onde o inglês se fala fluentemente na superfície das suas 122 milhas quadradas. Conta 335 mil habitantes. Há, nos registos do futebol local, 36 agremiações oficializadas: perto de nove centenas de jogadores profissionalizados e cerca de 1500 amadores. O recinto para futebol com maiores

dimensões é o estádio do Malta Ground (em Gzira) que possui capacidade exclusivamente para 15 mil espectadores: um salto muito brusco (como se imagina) para os malteses, quando vierem até Alvalade em «noite europeia»...

O Silema é o duelista-mor do Floriana, para a conquista dos mais saborosos troféus locais. E, se nos reportarmos a um bem elaborado trabalho de pesquisa feito pelo camarada Cruz dos Santos (em «A Bola»), desde 1961 a esta data os títulos malteses foram quase equitativamente distribuídos.

No campeonato: Silema e Floriana (5 para cada emblema), Hibernian (3) e Valetta (2). Na «Taça»: Silema (5), Floriana (4), Hibernian (3), Valetta (2) e Gzira (1). Os mais recentes prémios grandes, saídos na lotaria futebolística ao Silema, foram o campeonato da Malta em 71-72 e a «Taça» em 73-74. Aliás, o Silema possui certa experiência internacional, uma vez que já esteve em acção na «Taça dos Campeões»: 1964-65, eliminado pelo Dinamo (de Bucareste), por um somatório de 0-7 nos dois jogos; 1965-1966, pe-

rante o Panathinaikos (da Grécia) por 1-5; em 66-67, ultrapassou o modestíssimo Akra-nes (da Islândia) vencendo-o por 4-0 mas foi «torpedeado» pelo Arsenal inglês, pela margem de 1-7; em 72-73, por sua vez, foi «digerido» calmamente pelo Gornik Zabrze (da Polónia) com o insifismável 0-10 no «placard» final. Na «Taça das Taças», igualmente o Silema fez curtas viagens: 0-2 no confronto com o galês Borough United (63-64); sucesso num 2-2 com os luxemburgueses do Rumelange (esgrima decidida por golo obtido fora) e desaire concludente, por 0-8, ante os dinamarqueses do Randers Freja (68-69); saída pronta em 69-70 (1-6 com os suecos do Norrköping), tal e qual como aconteceria em 74-75, no cotejo com os finlandeses do Reipas (1-6). Por último, na «falecida» e já esquecida «Taça das Feiras», o Silema sofreu nova «goleada»: 2-10, na luta de cristas com os dinamarqueses do Copenhagen (70-71). Quer dizer: regista dois triunfos, dois nulos, 20 derrotas e golos em profusão nas suas redes (69) com ra, apenas, 13 violações das balizas alheias.



O Sporting partiu ontem, animado e esperançoso, para Malta. As últimas exhibições dos «leões» não foram famosas. Este adversário (nitidamente de segundo plano) vem na melhor altura: pode marcar o princípio de uma recuperação que se espera e deseja

Algo mais se pode acrescentar: neste momento, o futebol maltês continua extremamente frágil. Basta acrescentar-se que, tanto o Valetta (0-7 face aos húngaros do Haladás, para a «Taça das Taças») como o Floriana, mesmo no seu terreno, na esgrima com os jugoslavos do Hajduk (0-5, para a «Taça dos Campeões») foram dois bombos na festa do futebol uefeiro. E, vale a pena evocar que já uma vez (70-71), um clube maltês (o Floriana) surgiu no rosto do Sporting dentro do rumo para a «Taça dos Campeões»: então, todas as eventuais veleidades de êxito

para os malteses foram por água abaixo. Um total de 9-0, favorável aos portugueses de Alvalade, diz tudo o que se possa imaginar.

Contudo, desta feita o Sporting surge-nos mais jovem, sem algumas novidades que eram fundamentais no seu bloco do ano transacto (Manaca, Bastos, Alinho, Carlos Pereira, Vagner, Yazalde, Dinis) e com um lançamento de novos moços que pode ser a base de óptima obra futura mas que, de momento, provocam certas dores de cabeça em quantos adeptos queriam estrondosas marcações fronteiras e acabam

por assitir, quase impotentes e atónitos, a confrontos decididos graças a favor da sorte. Porém (quem sabe?) talvez o grande impulso para o novo-Sporing de Juca esteja amanhã em terras de Malta. A comitiva assim confia: e o futebol português, airoosamente colocado no «podium» na jornada de abertura das taças uefeiras, pretende nos «leões» o prolongamento do belíssimo comportamento de Benfica, F.C. Porto e Boavista. Afinal, aquilo que (sem estultícia ou demasiada gabarolice) está ao alcance absoluto dos verdes «leõesinhos» do Lumiar.



ESPECTÁCULO!

Que belo é o futebol quando bem jogado e melhor presenciado; que espectáculo inolvidável, quando os jogadores (e principalmente o público) sabem aceitar as consequências do próprio jogo, acatar as decisões do homem que, em cima da hora, tem de julgar os casos mais duvidosos, os lances susceptíveis de prescreverem a lei. Aqui, três instantâneos das Antas recolhidos pelo camarada Bruno Neves: e fica-se na dúvida perante a obrigatoriedade de escolher o documento que prove a beleza do espectáculo chamado futebol; se a agilidade de uma super-vedeta chamada Cubillas, se a espectacularidade de um lance de rara emoção junto a uma baliza, se (ainda) as imagens de derrota ou de vitória, simultaneamente manifestadas pelos jogadores, quando o golo faz vibrar as bancadas. Fique o leitor com essa responsabilidade. Que nós ficamos com a certeza de que o futebol é espectáculo. Quando bem jogado. Quando bem presenciado...

S.  R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8-55475, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de S. Teotónio, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15 kV com 1824 metros do poste n.º 10 da linha Baiona-S. Miguel ao posto de transformação de Brejão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Setembro de 1975

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8-55488, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de S. Teotónio, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15 kV com 6808 metros do poste n.º 18 da linha para a Estação Elevatória de Samouque ao posto de transformação de S. Miguel e Baiona.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Setembro de 1975.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Geral

ISRAEL: MAIS ARMAS

Continuação da pág. 3

a Tel-Aviv a bênção para uma nova e sem precedente corrida às armas. Israel conseguiu apresentar a sua retirada de uma parte do território egípcio como «um sacrifício militar e económico sério» devendo ser recompensado por um afluxo abundante de armas dos E.U.A. O vizir financeiro israelita, Yehoshua Rabinovitz, está já em Washington e o Ministro da Defesa Shimon Peres e o Ministro dos Negócios Estrangeiros Ygal Allon deslocar-se-ão aí em breve para saber ao certo o montante da ajuda americana. Setenta e cinco por cento dos créditos servirão para financiar um programa colossal de aquisição de armamentos. A suposta soma de ajuda varia entre 3,3 e 2,1 biliões de dólares, segundo a informação vem do cliente ou do credor. Não é difícil prever que o trio dos ministros israelitas tentará pôr em funcionamento a influente intriga sionista no Congresso dos E.U.A. para aproximar a cifra da soma desejada. O entusiasmo dos legisladores de tendências pró-israelitas foi já aumentado pelo facto de Washington ter

reagido ao acordo do Sinai, anulando a proibição e entregando a Israel as armas mais modernas. Espera-se que os intriguistas tentem extorquir ao Pentágono Caças F-15, mísseis, bombas de Laser e tanques super modernos XM-1, que ainda não saíram dos locais de ensaio.

ROSA COUTINHO

Continuação da pág. 1

em Portugal. O almirante Rosa Coutinho acrescentou no entanto não pensar que a social-democracia seja o objectivo final da Suécia, «mas a Suécia teve tempo de realizar um desenvolvimento dirigido para o socialismo utilizando como meio a social-democracia». Sublinhou que Portugal, em sua opinião, deveria caminhar mais depressa pois foi atrasado na via do socialismo «por um longo regime fascista».

Salientando que a Suécia é o país que demonstra a maior compreensão com a revolução portuguesa, Rosa Coutinho afirmou: «Pretendemos aprender alguma coisa sobre a via sueca para o socialismo. A experiência da Suécia poderá

Continuação da pág. 1

a social-democracia esta entende que deve ser reprimido, Cal Brandão chama uma aparatosa brigada da PSP que interveio como no tempo do fascismo, agredindo selvaticamente elementos das Comissões de Moradores que aguardavam o início da reunião, não poupan-

servir de fundamento às nossas próprias ideias sobre a maneira como construir o socialismo em Portugal».

Por seu turno Otelo Saraiva de Carvalho declarou ao diário sueco «Aftonbladet»: «Construiremos em Portugal, ao mesmo tempo que desenvolveremos uma democracia parlamentar do tipo ocidental, uma nova estrutura social e política, com órgãos e comités locais populares, que tomarão pouco a pouco o poder».

Além de reuniões com o ministro do Comércio Kjell-Olof Feldt e com o ministro da Habitação, do programa da visita da delegação portuguesa faz parte um encontro com o primeiro-ministro sueco Olof Palm.

TRABALHADORES DOS S.M.A.S.

do crianças, pessoas idosas e senhoras grávidas, uma das quais teve que ser socorrida no hospital, vindo posteriormente a abortar.

Na altura dos assaltos às sedes dos partidos progressistas a PSP declarou não ter ordens para intervir, mas isso de assaltos a sedes de partidos progressistas é qualquer coisa que existe, faz parte do código de boas maneiras fascistas, e depois Gerald Ford chama a isso «pressões diplomáticas normais».

Mas, pese isso a Cal Brandão, as massas populares também existem, mesmo que não

figurem em tais códigos. E provaram à PSP que existiam.»

Da mesma índole é um outro comunicado, este da FSP, em que também se ataca o «destacado elemento do PS» (Cal Brandão) e faz referência à grávida que veio a abortar no hospital. Um aviso encerra o texto: «A classe trabalhadora continuará alerta e retirará deste acontecimento mais uma preciosa lição. Sabemos responder com a nossa força organizada ao legalismo «fascista» do sr. Cal Brandão. Sabemos responder à violência fascista com a violência revolucionária».

A E.P.A.M. promove assembleia popular

A noite passada, representantes da Assembleia de Delegados de Unidades da Escola Prática de Administração Militar, no Lumiar, reuniram-se com comissões de moradores e trabalhadores daquela zona da cidade.

Presentes delegados de mais de uma dezena de comissões de moradores e trabalhadores, que aprovaram uma moção de apoio à luta dos trabalhadores do jornal «Repúbli-

ca» e da Rádio Renascença.

Os oficiais e soldados escolhidos pela A.D.U. para integrar a «comissão de dinamização» da zona deram conta do trabalho realizado em apoio e ligação entre os grupos e a A.D.U., tendo sido no final debatida a forma de constituição de um outro grupo de trabalho encarregado de elaborar um texto preparatório da reunião plenária, que se efectua na sexta-feira, às 21.30, no quartel do Lumiar.

PUB. SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

Paralisação no dia 24 do corrente das 10 às 11 horas.

Conforme decisão da Comissão Sindical Nacional do Contrato Colectivo Vertical Nacional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica da qual este sindicato faz parte representando também o Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Norte e a Ordem dos Engenheiros, vem esta direcção informar todos os colegas de que a decisão tomada se insere na justa luta dos trabalhadores e que ela foi provocada pela posição oportunista e contra-revolucionária assumida pelas Associações Patronais.

A Direcção do Sindicato dos Engenheiros Técnicos propõem uma adesão total a esta paralisação sem prejuízo das decisões tomadas em eventuais plenários de empresa.

BARS BOITES

WINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197. YUKY STRLEAP-TEASE JAPONESA. ASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264948. HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.



EMISSORA
1.º Programa
17.00 Radio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Notícias: informação de trânsito; conjuntos
20.00 Jornal da noite
21.00 Música portuguesa
21.45 Observação de cinema, por Maria Cristiana, Damas Nunes e Moreira dos Reis
22.00 A grande música negra, por José Duarte
23.00 Música variada
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saida e encerramento dos Regionais e dos MF 1; música na noite
02.00 Música na noite
03.15 Sindicalismo
2.º Programa
16.00 Música religiosa de Rossini
17.23 Curiosidades musicais
17.45 Música sinfónica
18.30 Gravações históricas
19.00 Música sinfónica
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a estereó; música ligeira variada
22.00 A ópera «Orlando» de Handel
00.32 Música de câmara
01.00 Fecho

Programa em onda média 2 — 397 m — 755 KHz
20.30 Música vienense
21.00 Música portuguesa
22.00 Dez prelúdios para piano dedicados a Viena da Motta de Luis de Freitas Branco
22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco
23.00 Música de Câmara
23.50 Os grandes solistas
01.00 Fecho
RÁDIO CLUBE
Onda Média
Emissor de Lisboa — Onda média 299,13 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda média 283,6 m — 782 KHz — emissão contínua.
Modulação de frequência
16.04 Programa CDC
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita 1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à go-go
00.05 Em órbita 2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	25°
LISBOA	21°
FARO	24°
FUNCHAL	24°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

Máxima	33°
--------------	-----

PENHAS DA SAÚDE

Mínima	8,5°
--------------	------

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,1°
Atmosfera	14,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.25 3,9 m	10.59 0,9 m
17.38 3,9	23.14 0,9 m

Dia 24

5.51 3,8 m	11.31 1,0 m
18.06 3,7 m	23.47 1,0 m

Dia 25

6.19 3,7 m	12.06 1,1 m
18.36 3,6 m	

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento geralmente fraco; neblina matinal na Faixa Costeira a Norte do Cabo Carvoeiro

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.26
OCASO ÀS 19.32

DIA-28 DIA 5 DIA 12 DIA 20

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11 192

HORIZONTAIS:
1 Da parte de cá. Cidade da Albânia.
2 Freguesia do concelho de Torres Vedras. Charneca.
3 Ofereci. Medida de líquidos da Holanda. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
4 Povos que habitavam as regiões do actual Peru. Afio.
5 Arma branca, de lâmina curta e larga, com dois gumes. Falhas.
6 Viração. Aparência.
7 Arara. Chefe etíope.
8 Acrescente. Capa sem mangas.
9 Símples. Artigo indefinido.
10 Gritara (Bras.). Prendera.
11 Cidade de Itália. Bário (s.q.). Preposição e artigo definido.

VERTICAIS:
1 Queimava. Sepultura.
2 No tempo em que. Divindade.
3 Exclusiva. Encolherizas.
4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Mãe de Ismael. Apelido.
5 Guarneceras de asas. Campeão.
6 Oferece. Tempo o verbo ser.
7 Assassinar. Prefixo que designa afastamento.
8 Preposição. Preposição. Joieira.
9 Transbordar. Adição.
10 Sofrer. Preposição.
11 Inteíros. Casamento vantajoso(pop).

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7351

HORIZONTAIS:
1 Formosas. Aremessa.
2 Pertences. Resíduo. Cidade da antiga Caldeia.
3 Uma das ilhas Jónias. Tramar.
4 Roer. Nome de fruto.
5 Içara. Fronteiras.
6 Mau cheiro. Senhores.
7 Preposição.
8 Que rivaliza. Despachar.
9 Rezara. Tremor de Terra.
10 Utensílio doméstico. Vição. Centiare. Preposição.
11 Alberga. por esmola. Bailarina cigana, espanhola, já falecida.

VERTICAIS:
1 Aba de telhado. Exército.
2 Rebenta. Tempo do verbo ir.
3 Ofendia.
4 Arquejara de fadiga. Terra nova e arroteada de fresco.
5 Messe. Nome de mulher.
6 Cobalto (s.q.).
7 Tratar por tu. Mastiga sem engolir.
8 Viras. Tempo do verbo ver.
9 Disfarçais.
10 Perdas. Estimei.
11 Cidade de França. Perfume.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 191

HORIZONTAIS:
1 Carga. Mofas.
2 Are. USA. Aro.
3 Sala. E. Atua.
4 Mama. Cria.
5 Saldara.
6 As. Ms.
7 SERAS. Antes.
8 Amaya. Ocaso.
9 Ota. Alta.
10 Oia. Por. Ari.
11 Samas. Asses.

VERTICAIS:
1 Cás. Casa. Os.
2 Aram. Sémola.
3 Relas. Ratam.
4 Amarava.
5 Au. Al. Sa. Ps.
6 SE. Dm. Mo.
7 Ma. Ca. Ao. Ra.
8 Arranca.
9 Fátia. Talas.
10 Arua. MESTRE.
11 Soa. Assoais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7350

HORIZONTAIS:
1 Suica. Cromo.
2 Anda. Aval.
3 Bia. Jaa. Ana.
4 Ac. Lo. Te. Ai.
5 Oásis. Anosa.
6 Em Ti.
7 Remas. Aramã.
8 Om. Revia. As.
9 As. Rea. Ala.
10 Alai. Regi.
11 Mamas. Geras.

VERTICAIS:
1 Sabão. Ro. Am.
2 Unica. Emala.
3 Ida. Sem. Sam.
4 Ca. Limar. Ia.
5 Sós. Ser.
6 Ma. Vem.
7 Ata. Aia.
8 Ra. Entra. Re.
9 Ova. Oia. Aer.
10 Manas. Malga.
11 Oiaia. Asais.

PROVERBIO: Usa e eras mestre.

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO 0-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69 (tel. 841779)

ALVALADE
Marbel, Av. de Roma, 131-A (tel. 776235)

MEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (tel. 790969)

ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32/36 (tel. 845513)

AREIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Praça do Areiro) (tel. 727300)

AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (tel. 666971)

OLIVAS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade Lusó, lote 199 (tel. 313610)

RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (tel. 611814)

S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (tel. 608531)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (tel. 778439)

TURNO 0-2
TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Av. de Roma, 53-A (tel. 776314)

AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 773043)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)

BAIXA
Estácio, Rossio 60 (tel. 327067-324224)

BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (tel. 703697)

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (tel. 680931)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955)

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 791131)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395)

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947)

SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 1-9 (tel. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granja, 2 (Tel. 213161)

PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039). Toda a noite

OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058). Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central. Toda a noite

MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278). Até às 24 horas

MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (Tel. 260087). Toda a noite

CASCAIS
Nova, Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044). Até às 22 horas; Marginal, Est. Marginal (Tel. 280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 — Reboeira (Tel. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Guerra Rico, Agualva

MEM MARTINS
Químia, Est. Mem Martins 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel. 2930058)

COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 203250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Tel. 2766498)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302)

BARREIRO
Picarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2074771)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 2310008)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)

SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 27
ATE ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr. Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Martires da Pátria, 152; Pielada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sa da Bandeira, Rua Sa da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Martires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lazaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297; Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS

Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sa da Bandeira, Rua Sa da Bandeira, 236; Ferreira da Silva, Rua dos Martires da Liberdade, 150

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); Higiene, Rua Fernandes Tomás, 41 (Tel. 22634); Sta. Cruz, Rua das Paideiras, 94 (Tel. 23569).

Outros Espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

MARIA MATOS
21.15 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Assassinos»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

LISBOA/Cinema

PARIS
21.00 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Até Para Diabo os Cadáveres Têm um Preço»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Casamento em Branco»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Nosso Amor de Ontem»

IDEAL
21.15 (13 anos)
«Curvas nas Férias»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«A Perversa»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Demasiado risco para um homem só»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (14 anos)
«Acção Executiva»

ESTORIL

Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Um Grande Golpe... ou Talvez Não»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Os Canibais»

LINHA DE SINTRA

QUELUZ
Cine
21.15 (18 anos)
«Espadachim sem Braço»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Dorothea»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (6 anos)
«Os 4 Malucos Mosqueteiros»

OUTRA BANDA

Sociedade
21.30 (18 anos)
«É Preciso Eliminar a Testemunha»

Incrível
21.15 (18 anos)
«Kung-Fu no Oeste Selvagem»

Academia
21.15 (18 anos)
«Woodstock»

Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«O Conformista»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Corvo»

CAMPO ALEGRE
21.30 (18 anos)
«Aqui é que a Porca torce o Rabo»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tamanho Natural»

OLÍMPIA

21.15 (10 anos)
«El Cid»

AGUIA DE OURO
21.30 (14 anos)
«O Invencível»

RIVOLI
21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»

S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«Como Caçar um Marido»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Spartacos»

JÚLIO DINIS
21.15 (14 anos)
«Derrapagem»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Um Por Todos Todos Por Um»

TRINDADE
21.15 (13 anos)
«O Professor Erotomaniaco»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Nem Visto nem Achado»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A Rapariga da Bicicleta»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Diário de uma Esquizofrénica»

S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«A Promessa de Lenigrado»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Monge»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Escândalo de um Crime»

SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«O Homem da Vingança»

Cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS

CONDES

JÁ EXPERIMENTOU NUMA MALA

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.21.15
Não acons. a menores de 13 anos

o filme de Norman Jewison

JESUS CRISTO SUPERSTAR

38.ª semana

o mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

BALBURDIA NO OESTE

em 6.ª Semana

Hoje às 24 h.

Grupo D M. 18 anos

OS ABUTRES TÊM FOME

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

9.ª Semana!

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos

MELODY

Colorido

Venha ver como começamos a amar

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.21.30
Não acons. a menores de 18 anos

FILME DE AMOR E ANARQUIA

CARLOS MANUEL

T. 2930394 21.15
Int. a men. de 18 anos

DOROTHÉA

D. JOÃO V

T. 971794 21.00
Grupo D (M. 18 anos)

O MANETA DE FERRO

UNIVERSAL

T. 774402

HOMENAGEM EISENSTEIN
As 15 e 21 h — OUTUBRO — 13 anos

As 17 e 23 h — GREVE — 13 anos

As 19h — LINHA GERAL — Para todos

NOVAS CADEIRAS — AR CONDICIONADO (20º)

RESTELO

T. 610375

Hoje não há espectáculo

Amanhã, às 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

O HOMEM DO CLÁ

EDEN

T. 32076914.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Grupo C (M. 14 anos)

O INVENCÍVEL

Com Bruce Lee

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

Um drama de impacto explosivo!

VEREDICTO

4.ª Semana

Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

UM GRANDE GOLPE... OU TALVEZ NÃO

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15
(Não acons. a menores de 13 anos)

JESUS CRISTO SUPERSTAR

POLITEAMA

T. 326305 15.00, 18.00 e 21.00
Para todos M. 6 anos

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

ROMA

T. 727778 21.15
Não acons. a maiores de 13 anos

O AS DO VOLANTE

Torneio de dias às 18.30

NOVAS AVENTURAS DA PIPÍ DAS MEIAS ALTAS

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15, 24.00
Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

3.ª Semana de êxito

SATÉLITE

T. 562632 15., 17., 19., 21.15
Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

4.ª Semana

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
(Não acons. a menores de 18 anos)

AS NOVIÇAS

de Guy Casaril

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

ABBOTT COSTELLO E OS MONSTROS

com Bud Abbott e Lon Castello

Um filme de Charles T. Boston

CONDES

T. 322523 As 21.15 Estreia
Não acons. a menores de 13 anos

JÁ EXPERIMENTOU NUMA MALA?

14.00, 16.30, 18.45

Não acons. a menores de 18 anos

DOIS HOMENS E UM DESTINO

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos

5.ª mês — 18.ª semana

As enchentes não param

DECAMERON PROIBIDO

com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA A SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos

BRANDOS COSTUMES

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

O último filme de Pasolini

3.ª Semana!

AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

2 SAMURAI PARA 100 GUEIXAS

com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

2.ª Semana

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

8.ª Semana

CINEARTE

T. 660446 21.15
Int. a men. de 18 anos

OS MALDITOS

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos

O PROSTITUTO

Colorido! 3.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas event. chocantes

8.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15
Grupo A M. 6 anos

LONGE DA MULTIDÃO

3.ª Semana!

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Para todos (M. 6 anos)

ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

3.ª Semana

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

O MOCHO E A GATINHA

c/ Barbra Streisand e Georges Segal





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 554631/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ DOMIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL



O Outono às 16 e 55

Dizem alguns que é triste. Outros, porém, vêem nele o início do ciclo da vida, a renovação necessária.

Há, portanto, e não só por isso, quem esteja triste agora, que o Outono vai começar, quem anteveja nele o Inverno do seu descontentamento.

Outros não se deixarão abater por isso. Outros não confundirão o cair das folhas com o cair da esperança. Lançarão as sementes à terra, combaterão o desalento com a coragem.

Neste País, pluralista, até nas quatro estações que tem, será Verão um dia.

300 CONTOS "VOARAM" DO CARTAXO

Indivíduos ainda não identificados, e fazendo-se transportar num carro Ford Escort de cor branca e com matrícula falsa, assaltaram esta noite a sede dos C.T.T. no Cartaxo, levando consigo dinheiro e outros valores que atingem os

300 contos.

Até à hora de fecharmos a nossa edição não se conhecem mais pormenores acerca do assalto, que bem se poderá incluir na vaga de acções terroristas que ultimamente se têm vindo a verificar no nosso país.



CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos do Sindicato, a Direcção do S.N.P.V.A.C. convoca para Assembleia Geral de Emergência, no dia 26 de Setembro de 1975 pelas 21.30, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, Av. Rovisco Pais, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Posição a tomar pelo Sindicato em relação ao pedido de uma Ponte Aérea entre Nova-Lisboa e Luanda segundo instruções do Governo recebidas pela TAP.

NOTA: A Assembleia reunirá à hora marcada desde que esteja presente metade do número de associados ou 24 horas depois com a mesma Ordem de Trabalhos e qualquer número de sócios.

Lisboa, 22 de Setembro de 1975

O Presidente da Assembleia Geral
António Carvalho

MUTILADOS NA PONTE: "SÓ SE NOS MATAREM"

«A nossa posição é inabalável: não saímos daqui enquanto não publicado o decreto por que vimos lutando». Isto, disse-nos um dos mutilados esta manhã de «serviço» na Ponte 25 de Abril, que com outros camaradas ocupou esta madrugada (00.30), como refere a Comissão de Luta em comunicado distribuído aos órgãos da Informação.

Assinala o texto que ontem, pelas 17 e 40, representantes da Comissão foram recebidos por delegados do C.R. (maiores Canto e Castro e Costa Neves e capitão Sousa e Castro), com quem debateram a situação durante mais de duas horas e meia, sem que se tenha «chegado a qualquer plataforma de entendimento».

«Disseram-nos que não representavam o C.R.» (lê-se ainda no comunicado) «uma vez que este é constituído por 19 elementos e eles eram apenas três».

No mesmo texto, que lembra o facto de milhares de camaradas nas mesmas condições estarem espalhados por todo o País, acentua-se que, continuando o problema sem solução a nível governamental, fora decidido não abandonar o campo de luta.

E, depois de aludir ao apoio moral e material que «não nos tem faltado», a Comissão de Luta exige ser recebida pelo Presidente da República, por forma a apressar a resolução da questão.

Na Ponte 25 de Abril, para muitos dos condutores circulando nos dois sentidos, a «borla» da passagem era surpresa. Daí que inquirissem das razões da mesma, que os deficientes, pacientemente, explicavam.

«Temos um forte apoio popular», confessou-nos um outro mutilado na sua cadeira, «e esperamos, apesar de informações em contrário, que o apoio militar, até agora da PM e de uma ou outra unidade, aumente».

As informações em contrário, de acordo com as suas palavras, filiam-se numa ameaça que parece já ter sido lançada, indicando que se os deficientes não abandonassem a Ponte as autoridades teriam



de recorrer à força. Mas a Comissão de Luta, porque a sua atitude é justa, confia nos militares e não acredita que o Conselho da Revolução assim proceda.

«Daqui não saímos, só se nos matarem» — disse-nos ainda o mesmo mutilado, porque às 11 horas de hoje, repartidos

entre várias tarefas, nenhum dos dirigentes da ADFA ali se encontrava. «Fomos carne para canhão» — prosseguiu —, «Hoje queremos o decreto cá fora».

São poucos os mantimentos que têm chegado aos ocupantes da Ponte, a despeito de se

multiplicar o apoio popular. Os funcionários da mesma estão solidários com a sua luta, o que não sucede com o director e os funcionários superiores. Entretanto, se a ocupação não tiver a resposta pretendida, outras formas de luta estão previstas, oportunamente divulgadas.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

O P.C.P. CONTRA O P.S. E O P.P.D. NAS QUESTÕES DA INFORMAÇÃO

«Os trabalhadores dos meios de comunicação social podem estar certos de que o P. C. P. não apoiará nenhuma decisão governamental relativa aos meios de comunicação social sem consulta aos próprios trabalhadores desse sector — diz o P. C. P. numa nota recentemente emitida: «É o público em geral, afinal a primeira razão de ser dos próprios órgãos de comunicação social, pode estar certo de que o P. C. P. se oporá a uma ditadura partidária sobre os órgãos de Informação, que resultaria no fim de toda a liberdade e independência desses órgãos, na uniformização e manipulação se-

tárias de toda a informação social.»

É a propósito de notícias dadas por um semanário e um diário na passada semana, segundo as quais o P. C. P. teria acordado com o P. S. e o P. P.D. numa plataforma sobre a política a seguir no domínio da comunicação social na vigência do VI Governo. Houve, de facto, encontros com o P. S. e um representante do Primeiro-Ministro, tendo os representantes presentes nesses encontros chegado a conclusões e reduzindo-a a escrito. Todavia, esclarece o P. C. P., tais conclusões deveriam ser submetidas à apreciação das direcções dos partidos respectivos. «Tomando conhecimento dessas conclusões, a direcção central do P. C. P. imediatamente as considerou inaceitáveis, tendo a S. I. P. do P. C. P. emitido nesse mesmo dia (18), para os órgãos de Informação, uma nota a esse respeito.»

O P. C. P. opõe-se a qualquer tentativa, como a constante das propostas e exigências do P. S. e do P. P. D. nas negociações para a formação do VI Governo Provisório, de hegemonia e monopólio P. S.-P. P. D. nos meios de comunicação social. O P. C. P. não deu nem dará tão-pouco o seu acordo à tentativa de impor um controlo tripartidário aos órgãos de Informação. Não havendo um Governo de coligação, criticando a presença do P. P. D. no VI Governo e tendo fortes reservas quanto à política do P. S., muito menos o P. C. P. poderia dar a sua caução, aprovação ou participação em soluções de «coligação» para meios de comunicação social.

Mais: «O P. C. P. combateu firmemente as propostas do P. S. (coincidentes em muitos pontos, segundo a informação recebida, com as propostas do P. P. D.). Resoluções administrativas, imposição dum coleto de forças aos órgãos de Informação, estrangulamento da iniciativa e do trabalho criador, soluções repressivas, medidas como o encerramento imediato de «O Século» proposto pelo

P. S. — encontram e encontrarão sempre o combate firme do P. C. P.»

O P. S. RESPONDE

«O P. S. lamenta vivamente que o P. C. P. crie bodes expiatórios da sua sinuosa via política» — diz o P. S. num comunicado entretanto emitido, a propósito das afirmações do P. C. P.

Segundo o P. S., houve quatro reuniões e na última, a 17 chegou-se a conclusões. No próprio dia (e não a 18, como lembra o P. S., diz o P. C. P.) elas foram passadas a escrito. «No dia 18, data marcada para assinatura do acordo e para a discussão sobre a eventual divulgação imediata do seu conteúdo, a delegação do P. C. P. sugeriu algumas alterações ao texto, anteriormente escrito. Essas sugestões foram aceites na sua quase totalidade pelo P. S. Depois dessas pequenas alterações, foi o texto do acordo assinado pelas delegações presentes e pelo comandante Ramiro Correia, opondo-se a esta divulgação a delegação do P. C. P.»

E o P. S. conclui: «É, pois, falso dizer-se como o faz o P. C. P., que se acordou em que o texto fosse submetido ulteriormente às direcções dos dois partidos. Antes do início da última reunião, a delegação do P. C. P. comunicou o acordo do seu partido em relação às conclusões já passadas a escrito e, conforme atrás referiu, sugeriu, apenas, algumas alterações formais o que — repete-se — foi quase na totalidade aceite.»

Registe-se que o P. S. desmentindo afirmações feitas no comunicado do P. C. P., não confirma, no entanto, nem desmente, a posição que o P. C. P. denunciou que o P. S. assumira em relação ao jornal «O Século». O próprio jornal chama a atenção para o facto na sua edição de hoje, o que pode fazer crer que a «denúncia» do P. C. P. era fundada.

O M.D.P/C.D.E. não apoia o VI Governo

O MDP/CDE analisa a actual situação política num comunicado em que aponta o carácter negativo das posições que, no Governo e no MFA, representam «progressos das posições conservadoras». Considera ainda o MDP que o programa do VI Governo tem «um conteúdo vago e impreciso», que «abre sérias brechas para uma clara ofensiva da social-democracia» e é «deliberadamente omissivo quanto ao poder popular e ao documento-guia da aliança Povo-MFA».

O documento manifesta-se em seguida contra a proporcionalidade na atribuição das pastas, a entrega das sectores-chave do Governo às forças da social-democracia e a entrega de pastas segundo ambições partidárias e pessoais. Por isso o MDP/CDE afirma não apoiar o VI Governo e propõe a maior vigilância sobre a sua actividade.

O MDP, apesar da análise

que faz, apoiará «todas as medidas progressistas que o Governo venha a tomar» e afirma que «a sua posição política global sobre o VI Governo, como órgão de poder inadequado ao processo revolucionário não envolve a figura íntegra e progressista do Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo».

Mais adiante, o documento aponta os «projectos contra-revolucionários» da social-democracia e da direita para impedir o avanço do poder popular e sujeitar o País aos caciquismos fascista e ao imperialismo e afirma que as massas populares e os trabalhadores terão de dar, prontamente, uma «resposta unida, vigorosa e combativa», para «resistir à ofensiva de direita».

Após terminar, o MDP/CDE pronuncia-se pela «vigilância, firmeza, audácia, unidade e organização», para a «vitória do povo sobre a contra-revolução».

